



**CURSO DE LETRAS**

**A BÍBLIA ENQUANTO LITERATURA**

**ADEMIR FLORIANO NUNES MENESES**

**BAGÉ**

**2016**

**ADEMIR FLORIANO NUNES MENESES**

**A BÍBLIA ENQUANTO LITERATURA**

Trabalho de Conclusão de Curso de Letras  
para obtenção do título de Licenciatura em  
Letras, Português e Literaturas de Língua  
Portuguesa da Universidade Federal do Pampa.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lúcia Maria Britto  
Corrêa.

**BAGÉ**

**2016**

**ADEMIR FLORIANO NUNES MENESES**

**A BÍBLIA ENQUANTO LITERATURA**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Banca do Curso de Graduação  
Licenciatura em Letras Português e Literaturas de  
Língua Portuguesa da Universidade Federal do  
Pampa - Campus Bagé/RS, como requisito parcial  
para conclusão do curso.

**Trabalho de Conclusão defendido e aprovado em: 14/12/2016**

**BANCA EXAMINADORA:**

---

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lúcia Maria Britto Corrêa**  
**Orientadora**  
**Letras – Unipampa**

---

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Miriam Denise Kelm**  
**Letras – Unipampa**

---

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Zíla Letícia Goulart Pereira Rêgo**  
**Letras - Unipampa**

**Dedico este trabalho à minha família,  
meus professores, a todos os estudantes de  
Letras e especialmente aos meus colegas de  
literatura.**

Logo compreendi que um estudioso da literatura inglesa que não conheça a Bíblia não conseguirá entender o que se passa. Mesmo o mais consciencioso passará ao largo das implicações e do significado.

Prof.º Northop Frye, ( 2004, p. 10).

## **Resumo:**

O presente Trabalho de Conclusão de Curso pretende um olhar para a Bíblia enquanto literatura, tendo clara a importância de sua influência religiosa em nossa sociedade advinda do judaísmo e cristianismo. Reconhecemos sua importância para o meio acadêmico: lugar onde esses “livros” são considerados não a partir do seu dogmatismo religioso, mas como conjunto literário, patrimônio cultural da humanidade. Para a nossa análise nos valem os conceitos e pressupostos sobre literatura apresentados por autores como Domicio Proença Filho, “A linguagem literária” (2007) e Marisa Lajolo, “Literatura: Leitores & Leitura” (2001). Registra-se que são poucas as obras traduzidas para o português que abordam a Bíblia no seu aspecto literário. Utilizamos na pesquisa, em especial, a obra de autoria do canadense Northrop Frye, “O Código dos Códigos” (2006). Estudamos também o histórico das perseguições às traduções da Bíblia para o vernáculo de diversos povos. Como é impossível abranger em uma única pesquisa todo o conhecimento de uma área, delimitamos nossa pesquisa e ao fazê-lo escolhemos da Bíblia os livros poéticos e dentre eles o livro de Provérbios.

Palavras-chave: Bíblia. Literatura. Livros bíblicos poéticos. Livro de Provérbios.

## **Resumen:**

El presente Trabajo de Conclusión de Curso lanza una mirada para la Biblia como literatura, teniendo en cuenta la importancia de su influencia religiosa en nuestra sociedad, que surge del Judaísmo y del Cristianismo. Reconecemos su importancia para el medio académico: lugar donde estos “libros” son considerados no a partir del dogmatismo religioso, pero como conjunto literario, patrimonio cultural de la humanidad. Para nuestra análisis, nos valemos de los conceptos y presupuesto sobre la literatura presentados por autores como Domicio Proença Filho “El lenguaje literaria” (2007) y Marisa Lajolo, “Literatura: Lectores & Lectura” (2001). Se percibe que son pocas las obras traducidas para el português que abordan la Biblia en su aspecto literario. De maneira especial, utilizamos en nuestra investigación, la obra de autoria del canadiense Northrop Frye “Código de los Códigos” (2006). Estudiamos también el histórico de las persiguiones, las traducciones de la Biblia para el vernáculo de diversos pueblos. Como no es posible abarcar en una única investigación todo el conocimiento de esta temática, limitamos nuestra investigación del cual hemos elegido de la Biblia, los libros poéticos y entre ellos el libro de los Proverbios.

Palabras-clave: Biblia. Literatura. Libros bíblicos poéticos y Libro de Proverbios.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
2. A BÍBLIA E SUA HISTÓRIA .....	12
2.1 A narrativa ou relato sacerdotal.....	12
2.2 A crítica textual, os manuscritos e as traduções antigas.....	12
2.3 A perseguição e queima de Bíblias.....	16
2.4 A encomenda de cinquenta bíblias por Constantino .....	22
2.5 As traduções inglesas.....	22
2.6 As traduções alemãs.....	23
2.7 As traduções portuguesas.....	23
3. A BÍBLIA COMO OBRA LITERÁRIA.....	26
3.1 Características que tornam “literário” um texto.....	26
3.2 Características literárias da bíblia.....	30
3.3 Os livros poéticos.....	32
3.4 O livro de Provérbios.....	35
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	44
REFERÊNCIAS VIRTUAIS .....	45



## INTRODUÇÃO

Basta aos nossos propósitos que a Bíblia seja, como é, um fascinante documento humano de enorme importância para a cultura e a história do mundo moderno, um registro que muito tem a dizer aos seres humanos acerca de sua própria humanidade (GABEL & WHEELER, 2003 p.13).

Este Trabalho de Conclusão de Curso pretende analisar a Bíblia, legado comum de todos nós, a partir de seu aspecto temporal, isto é secular, não das crenças pessoais que estão sujeitas a controvérsias. Não desconsideramos o seu aspecto religioso que afirma ter sido a Bíblia escrita por inspiração de Deus e dada aos seres humanos para guiá-los na fé e conduta. Mas aqui nos propomos a estudá-la como texto literário, e a ela aplicar os mesmos critérios que se aplicam a outras obras literárias de qualquer tipo e em qualquer lugar.

Na nossa pesquisa encontramos quatro tipos de Bíblia: a Bíblia Judaica, a Católica, a Ortodoxa Oriental ou Protestante e a Bíblia Hebraica que não pode ser confundida com a Bíblia Judaica, que traz as escrituras do Judaísmo, que podem ser encontradas em todas as línguas do mundo. A Bíblia Hebraica, por sua vez, está em hebraico e é a fonte da Bíblia Judaica e do Antigo Testamento Cristão. É importante dizer ainda que “a Bíblia Judaica não tem o Novo Testamento e os judeus não pensam no seu texto sagrado como “Antigo” Testamento; dizem apenas Bíblia” (GABER & WHEELER, 2003, p.15).

No Brasil são poucas as obras teóricas que abordam a Bíblia enquanto literatura, todavia encontramos análises nos estudos de Auerbach, Frye, Alter entre outros.

Northrop Frye, professor canadense, falecido em 1991, com sua obra sobre a Bíblia e a Literatura será dentre estes o mais citado.

Robert Alter é professor de literatura hebraica na Universidade da Califórnia em Berkeley e em sua obra “A arte da narrativa bíblica”, da mesma forma que seu mestre Erich Auerbach, sugere que os escritos bíblicos “buscam revelar, mediante o processo narrativo, a realização dos propósitos divinos nos acontecimentos históricos” (ANDRADE apud ALTER, 2007, p. 59). Desta forma as histórias não podem ser consideradas um registro historiográfico, mas “recriação imaginativa da história feita por um escritor talentoso” (p.62). Este autor analisa as repetições que são encontradas com muita frequência nas narrativas bíblicas, para ele elas podem advir de um “sentimento oriental” de gosto “pela repetição”

(p.173). Algumas delas serão citadas ao longo do trabalho, porque, como veremos, as repetições podem ser uma das características da linguagem literária.

Tanto Alter como Auerbach nos mostram o aspecto lúdico usado pelo narrador bíblico para alcançar os primeiros leitores como também a sua determinação em escrever conforme a tradição lhe requeria, pois “O narrador bíblico tinha que escrever exatamente aquilo que lhe fosse exigido por sua fé nas verdades da tradição” (AUERBACH, 2004, p. 11). Ao ler a Bíblia não podemos desconsiderar o objetivo do narrador, e levar em conta que, embora humano, não era ingênuo, mas mestre na criatividade e imaginação.

A diferença entre os escritos de Homero e os relatos bíblicos, por exemplo, nos é dada por Eric Auerbach: “Os relatos das sagradas Escrituras não procuram o nosso favor, como os de Homero, não nos lisonjeiam para nos agradar e encantar – o que querem é dominar” (AUERBACH, 2004, p.11). De fato, pois os Dez mandamentos, por exemplo, trazem uma voz de comando “Não terás outros deuses além de mim, Não farás para ti nenhum ídolo (...) Não tomarás em vão o nome do Senhor , o teu Deus (...), Êxodo cap.15:1. Mesmo no Novo Testamento, embora a Bíblia esteja na forma prescritiva, muitas vezes as palavras nos vem em forma de mandamentos. Muito diferente dos escritos encontrados na *Odisseia* de Ulisses ou da *Iliada* em que “Homero permanece, com todo o seu assunto no lendário” (AUERBACH, 2004 p. 14) com o objetivo de nos entreter. No Evangelho de João (13: 34), como exemplo, estão as Palavras de Jesus sobre como devemos amar. Mais intensas por sinal que o mandamento judaico, no qual há referência ao amor com limites “Amarás o teu próximo como a ti mesmo”, aquele diz “Um novo mandamento lhes dou: Amem-se uns aos outros. Como eu os amei, vocês devem amar-se uns aos outros”. Amar conforme o Novo Mandamento, significa amar mais do que a si mesmo, é um tipo de amor sem limite, sem condição.

Mas nem sempre os ensinamentos bíblicos são apresentados sob a forma “Assim diz o Senhor”, como na lei de Moisés. No livro de Provérbios, que iremos analisar, os mesmos ensinamentos são transmitidos indiretamente com base na experiência de vida de um homem, o rei Salomão. Esta é uma característica do livro de Provérbios, trazer ensinamentos de sabedoria associada à experiência da vida retirada do cotidiano, esta é a base da narrativa tradicional muito comum no principal método literário judaico, a narrativa histórica.

Entre as muitas traduções da Bíblia para o português, escolhi para fazer citações neste trabalho a Nova Versão Internacional (NVI) por ser mais coloquial e trazer uma linguagem mais moderna. Também quando precisei de uma tradução mais conservadora usei para citação

a Almeida Revista Corrigida (A R C) e para consultas de dados teológicos e livros deuterocanônicos também conhecidos como livros apócrifos, a Bíblia Católica da CNBB.

No primeiro capítulo e em suas subdivisões abordamos o aspecto histórico da Bíblia desde suas origens com o relato sacerdotal, os manuscritos mais conhecidos e as primeiras traduções além da Vulgata.

No mesmo capítulo, apresentamos uma pesquisa sobre a forte perseguição contra a Bíblia e personalidades que ousaram traduzi-la para a linguagem vernácula. Começamos no mundo antigo com a perseguição do Império Romano que se intensificou durante a Idade Média (476-1453) chegando ao seu clímax com a Inquisição e estendendo-se à Idade Moderna. Ficamos longe de dar a última palavra sobre o assunto, mas sabemos de antemão que nos dias de hoje, a Bíblia não é bem-vinda em países que não professam a fé cristã ou onde o Estado não é laico.

No segundo capítulo intitulado “A Bíblia como obra Literária” iniciamos com uma citação de Northrop Frye, ele nos apresenta a Bíblia como um mosaico, como literatura no sentido amplo, onde poderemos encontrar: genealogias, leis, epístolas, orações, instruções para construção (do templo, do tabernáculo, dos muros de Jerusalém), decretos reais, sabedoria proverbial, mensagens proféticas e outros. E esta é a razão da existência deste capítulo, porque ele não existiria se fôssemos analisar “Morte e Vida Severina” de João Cabral de Melo Neto ou “Grandes Esperanças” de Charles Dickens, como por exemplo, porque não haveria dúvidas de que se estaria analisando obras de literatura, nas quais é comum encontrar a literatura no seu “sentido mais estrito que abrange o que se conhece como *belle lettres*, isto é, poesia, contos, romances, peças teatrais, ensaio” (GABEL & WHEELER, 2003, p.18). Após, apresentaremos as considerações finais.

## **2. A BÍBLIA E SUA HISTÓRIA**

Ao analisarmos a Bíblia como texto literário, em sua longa história, não temos mais os manuscritos originais e sua tradução para a língua falada pelos povos sofreu grande oposição, criando inúmeros mártires no processo de sua divulgação.

### **2.1 A narrativa ou relato Sacerdotal**

Os textos mais remotos da Bíblia remontam ao século VII a. C. e são chamados de “narrativa ou relato Sacerdotal”, como entre outros, nos informa Northrop Frye em seu livro “O Código dos Códigos” e Flavio Aguiar nos explica com notas do tradutor do mesmo livro.

Há vários livros que nos contam que a Criação com que se abre o livro do Gênesis vem do relato Sacerdotal. (...) A assim chamada “narrativa ou relato Sacerdotal” (Priestly narrative”, em inglês) é um dos textos que deram origem ao Pentateuco ou Torá. As outras são o texto Javeísta e o Eloísta, a que mais tarde juntou-se o Deuterônomo, do qual no entanto, teríamos as cópias mais antigas. O texto Javeísta seria o texto base do Pentateuco; o Eloísta, mais apologético, provavelmente começaria sua estória com as referências aos patriarcas. O Sacerdotal centra-se mais em questões de rito e leis. Assim como o Eloísta, este usa o termo “Elohim” para “Senhor”, enquanto o primeiro usa “Jave”, depois lido “Jeová”. O redator do texto Sacerdotal, por volta de século VII a.C., também teria feito um arranjo editorial dos textos anteriores. (N.T.) (AGUIAR in FRYE, 2004, p. 6).

### **2.2 A crítica textual, os manuscritos e as traduções antigas,**

A comparação entre os textos dos manuscritos é chamada de crítica textual, e sobre isto nos explica o professor Anderson de Oliveira Lima, doutor em Ciência da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo:

Há muitos pesquisadores que lidam com tais textos, comparando letra por letra, avaliando a qualidade da cópia, o lugar e época de cada manuscrito, e emitindo juízo sobre qual versão deve ser a mais original. Esta tarefa é chamada de “crítica textual”, e é ela quem nos oferece uma versão do Antigo Testamento em língua hebraica (Bíblia Hebraica Stuttgartensia, atualmente em sua 4ª edição) e do Novo Testamento em grego koinê ( o Novum Testamentum Graece, que já em sua 27ª edição), que são eventualmente atualizados e servem como base para as traduções da Bíblia para todos os idiomas modernos (LIMA, 2012, p. 16).

Além destes resultados da crítica textual outros foram produzidos como o “Hebraico Massorético do Antigo Testamento, e os textos gregos do Novo Testamento de Westcott e Hort e de Nestle os quais, pela maior parte, contêm as palavras originais exatas da Bíblia” (HALLEY, 1986, p. 660).

O Texto Massorético como vimos acima, é resultado da crítica textual para o Antigo Testamento. Ele é muito utilizado pelos editores da Bíblia junto com as antigas traduções como a Septuaginta, a Vulgata e a Versão Siríaca.

Tomemos como exemplo entre outros o comentário de rodapé da Bíblia Nova Versão Internacional (NVI) em que se referindo a Eclesiastes 9:2 diz: “Todos partilham um destino comum : (...) o bom e *o mau*, o puro e o impuro, o que oferece sacrifício e o que não os oferece”. O comentarista vai dizer que este texto está escrito “Conforme a Septuaginta, a Vulgata e a Versão Siríaca. O Texto Massorético não traz *o mau*” (Bíblia-NVI, 2000, p. 531).

Nas citações do Antigo Testamento no livro aos Hebreus, Novo Testamento (1:6) como, por exemplo, em que é citado Deuteronômio (32:43), o comentário em rodapé vai acrescentar que esta citação é do Antigo Testamento (segundo a Septuaginta e os manuscritos do mar Morto) e assim consecutivamente todas as vezes que aparecerem citações veterotestamentárias.

Antes destas três traduções antigas citadas acima, a Septuaginta feita no século III a.C. em grego usada nos dias de Jesus; a Vulgata, revisão da Latina Antiga, 382-404 d. C.; e a Siríaca feita no século II d.C. para uso dos Sírios (HALLEY, 1986, p. 667), existem outras que a elas precedem, refiro-me aos Manuscritos, que entre milhares os três mais conhecidos são: o Manuscrito Sinaítico, o Manuscrito do Vaticano e o Manuscrito Alexandrino.

Já em relação ao Manuscrito Sinaítico que foi descoberto pelo alemão Tischendorf em 1844, no mosteiro de Sta. Catarina no Monte Sinai, aconteceu como nos relata Halley: “Observou ele, numa cesta de papeis velhos, separados para ser queimados, páginas de velo<sup>1</sup> (...) Contem 199 folhas do A. T<sup>2</sup> e todo o N.T..(...) é o único manuscrito antigo que contém todo o N.T.” (HALLEY, 1986, p. 665).

---

<sup>1</sup> VELO – No século IV o papiro foi suplantado pelo velo, que se tornou o principal material de escrita. Velo era delicado pergaminho feito de peles; era muito durável; fazia-se na forma de livro, não na de rolo. (HALLEY, 1986, p.664).

<sup>2</sup> Usamos A.T. para Antigo Testamento e N.T. para Novo Testamento.

O Manuscrito Vaticano foi “feito no século IV. Acha-se na Biblioteca do Vaticano desde 1481. Faltam alguns fragmentos do N.T. Este e o Sinaítico são os dois mais antigos e de maior valor” (HALEY, 1986, p. 665).

O Manuscrito Alexandrino foi “feito no século V, em Alexandria. Acha-se no Museu Britânico desde 1627. É a Bíblia inteira, faltando alguns fragmentos, e contendo mais as Epístolas de Clemente” (HALLEY, 1986, p. 665).

É oportuno dizer que hoje não existe nenhum manuscrito original da Bíblia ou dos clássicos gregos, o que temos são cópias que foram sendo feitas “quando as mais velhas se estragavam” (HALLEY, 1986, p. 664).

Henry H. Halley (1986, p. 664) acreditava que, até o fim do século XX, existiam cerca de quatro mil manuscritos conhecidos da Bíblia, feitos entre o século II e o século XV. E que as cópias que existem de Homero datam de 1300 d.C. e de Heródoto, 1000 d.C.

Josh McDowell (1980, p. 48) dá conta de que, Aristóteles escreveu suas obras cerca de 343 a.C., entretanto a cópia mais antiga é datada de 1100 d.C., mostrando portanto um lapso de 1400 anos, e tendo somente cinco manuscritos.

McDowell considera “constrangedora” a abundância de manuscritos Bíblicos comparado com outras obras, e argumenta sobre a autenticidade tanto destes como dos clássicos com as seguintes palavras:

A História” de Tucídides (460-400 a. C.) chegou até nós com apenas oito manuscritos datados de 900 a. C., quase 1300 anos depois que ele a escreveu. Os manuscritos históricos de Heródoto são, da mesma forma, mais antigos e escassos, e apesar disso, como comenta F.F.Bruce: “Nenhum sábio, clássico daria atenção a qualquer argumento que pusesse em dúvida a autenticidade de Heródoto ou Tucídides, só porque os manuscritos mais antigos de suas obras, que são de utilidade para nós, têm um atraso de 1300 anos sobre o manuscrito original.”

César escreveu sua história das guerras gaulesas entre os anos 58 e 50 a.C., mas sua autoridade histórica baseia-se em nove ou dez cópias que datam de 1000 anos após sua morte. Atualmente existem mais de 20.000 cópias do Novo Testamento. A “Ilíada” tem apenas 643 manuscritos, e vem em segundo lugar em evidências manuscritas após o Novo Testamento (McDOWELL, 1980, p. 44)”.

As descobertas de Papiros por Flinders em escavações no centro do Egito, pois como já foi mencionado, devemos ainda dizer, que começou quando ele notou velhas folhas de papiro que:

(...) apareciam em montes de lixo soterrados na areia, e achou que podiam ter valor. Dois dos seus alunos Grenfell e Hunt, estudantes em Oxford, começaram em 1895, uma busca sistemática de tais papiros. Nos dez anos seguintes, em Oxirríneo, e lugares próximos, encontraram 10.000 manuscritos e partes de manuscritos. Outros escavadores também acharam grandes quantidades de manuscritos similares. Foram desentranhados de montes de lixo cobertos de areia, de caixas de múmias, onde serviam de enchimento, e de crocodilos embalsamados. Consistiam na maior parte em cartas, contas, recibos, diários, certificados, almanaques, etc. Alguns eram valiosos documentos históricos, datados de 2000 a. C. A maioria deles, no entanto, datava de 300 a.C. a 300 d.C. Entre eles acharam alguns primitivos escritos cristãos, o que os torna de interesse para os estudantes da Bíblia (HALLEY, 1986, pp. 665 e 666).

Quanto ao Cânone das Escrituras temos a informação de que se refere à Bíblia com seus livros ditos canônicos, como foram aceitos pelos primeiros Pais da Igreja e finalmente ratificados pelo Concílio de Cartago em 397 d. C. (HALLEY, 1986, p. 659).

Com o surgimento do papado a partir de Leão I (440-461), segundo alguns historiadores (p. 682), a Bíblia foi substituída pelos decretos e dogmas de concílios e papas: “A reforma protestante trouxe novo interesse pelas Escrituras; estas hoje, por inteiro ou em partes, se acham traduzidas em mais de mil línguas e dialetos” (HALLEY, p. 667).

Hoje se justificam as traduções na linguagem moderna como a “Bíblia na linguagem de Hoje”, “Revista e Atualiza” “Nova Versão Internacional”, “A Bíblia da CNBB - Nova Vulgata”, (que considera todos os documentos atualmente conhecidos, inclusive os famosos manuscritos do mar Morto), porque como observou o alemão Adolph Deissman,

(...) o grego dos papiros do Novo Testamento não é o grego clássico da era de Péricles. Há 500 palavras no grego do N.T. que não se acham no grego clássico. Esta descoberta de que o N.T. foi escrito no idioma falado pelo povo, deu impulso às traduções do N.T. em linguagem moderna, que têm aparecido recentemente (HALLEY, 1986, p. 666).

Desta forma, é significativo que reconheçamos a autenticidade dos textos gregos e que ainda há controvérsias sobre o texto bíblico. Tal consideração é importante. Estes debates sobre a origem dos textos fonte para a Bíblia são polêmicos porque o texto é fundador de religião, e uma tradução comporta ou critica dogmas religiosos.

### **2.3 Perseguição e queima de Bíblias**

Os Imperadores Romanos na perseguição aos cristãos queimaram os seus escritos. Entre os que mais furiosamente perseguiram os cristãos antes da conversão de Constantino, foi Diocleciano (284 – 305 d. C.).

(...) durante a perseguição de Diocleciano contra os cristãos, a qual foi o último e desesperado esforço de Roma por varrer da terra o cristianismo. Um dos seus objetivos especiais foi destruir todas as Escrituras cristãs. Por dez anos os agentes de Roma farejaram Bíblias e queimaram-nas publicamente (HELLEY, 1986, pp. 658 e 671).

Alguns papas condenaram a leitura da Bíblia igualmente, assim como as Sociedades Bíblicas, e a maçonaria, porém “Justino, o Mártir, Jerônimo e Crisóstomo insistiram na leitura da Bíblia”.

Agostinho apoiava as traduções dela, e o papa Gregório I (590-604 d. C.) recomendava sua leitura (HALLEY, 1986, pp. 694 e 695).

Todavia, papas posteriores tomaram uma atitude diferente. Hildebrando proibiu, aos boêmios, essa leitura. Inocêncio III proibiu ao povo ler a Bíblia na língua materna (em latim, a Bíblia era um livro fechado para o povo em geral). Gregório IX proibiu que os leigos possuíssem a Bíblia e suprimiu as traduções. Estas que circulavam entre os albigenses e valdenses foram queimadas, e quem as possuía era também queimado. Paulo IV proibiu a posse de traduções sem a permissão do Inquisidor. Os Jesuítas induziram Clemente XI a condenar a leitura da Bíblia pelos leigos. Leão XII, Pio VII, Gregório XVI e Pio IX condenaram as Sociedades Bíblicas. (...) Nos países católicos, a Bíblia tem sido livro desconhecido (HALLEY, 1986, p. 695).

Só por volta de 1831 “foi que a primeira Bíblia foi impressa na América espanhola, e as cópias eram exorbitantemente caras. (...) Em Quebec, até 1826, muitas pessoas nunca tinham ouvido falar no Novo Testamento” (CANTON, II pp.61 e 347 – discernimentobíblico.net- acesso em 24/09/2016).

As proibições feitas pelos papas, que se estenderam como vimos na citação acima aos Valdenses que habitavam as montanhas da Itália e Sul da França e aos Albigenses que foram queimados no Sul da França junto com as Bíblias na língua materna, foram também feitas a John Wyclife (1324-1384), vigário da Igreja de San Mary, pai da Bíblia em inglês. Por ter este traduzido a Bíblia para sua língua materna, “o papa Gregório XI emitiu cinco bulas contra Wyclife, mas ele foi protegido pela rainha da Inglaterra, escapou da prisão, e 43 anos mais tarde, em 1428 a Igreja (...) desenterrou os seus ossos e os queimou”.



(FOUNTAIN, David, *JohnWycliffe*, pp. 45 – Disponível em: [www.discernimentobiblico.net](http://www.discernimentobiblico.net) - acesso em 24/09/2016).

Com receio de que os camponeses soubessem tanto ou mais que o clero, ou de que os católicos migrassem da igreja Católica Romana para outros ramos do cristianismo é que as proibições com relação à leitura da Bíblia se intensificaram como percebemos também nos concílios realizados para parar o movimento da Reforma.

No Concílio de Latrão (1513-1517), o Papa Leão X, que se opôs contra os esforços de Lutero, proclamou o seguinte edito e sua sentença no caso de descumprimento:

A partir de agora, a ninguém deve ser permitido imprimir qualquer livro ou escrito, sem uma avaliação prévia (...) por assinatura manual pelo vigário papal e mestre do sagrado palácio papal em Roma, e em outras cidades e dioceses, pelo bispo ou perito por ele nomeado”. Por negligência desta, punição era a excomunhão, a perda da edição que era para ser queimada, uma multa de 100 ducados para a construção da basílica de São Pedro, e a suspensão de negócios por um ano. (LEA, Herry, *The Inquisition of the Middle Ages* – Disponível em: [www.discernimentobiblico.net](http://www.discernimentobiblico.net)- acesso em 24/09/2016).

William Tyndale (1484-1536), estudioso de Oxford, realizou seu sonho de traduzir a Bíblia direto dos originais hebraico e grego para o seu povo da fala inglesa. Isto fez às escondidas das autoridades e quando descoberto “por traduzir o N.T. e parte da Bíblia dos originais grego e hebraico para a língua vulgar, foi preso por 16 meses, estrangulado e queimado por ordem do clero, em 6 de outubro de 1536” (HALLEY, 1986, p. 667).

As Bíblias Alemãs pré-Lutero são as traduções anteriores a de Lutero, da Vulgata para o alemão. Houve a tradução das Bíblias para a língua alemã em menor escala e repercussão embora a imprensa já tivesse sido inventada em 1454 (HALLEY, 2004, p. 665). Entre outras, tivemos a Bíblia de autoria de Joham Mentelin, “primeira Bíblia completa em alemão, impressa em Estrasburgo 1466, foi proibida pelo arcebispo de Mainz, centro mais ativo de publicações na Alemanha, o arcebispo emitiu um edito censurando todas as traduções da Bíblia” (NORLIE, Olaf, *The Translated Bible*, 1934, p.73 – Disponível em: [www.discernimentobiblico.net](http://www.discernimentobiblico.net)- acesso em 24/09/2016).

Como aconteceu com os que o antecederam, Martinho Lutero foi perseguido, entre outros motivos, por sua tradução da Bíblia para o alemão em 1522. A diferença é que este não chegou a ser preso e executado como outros, como todos sabem, mas já tinha sido excomungado, e condenado como herege em 1520 pelo papa Leão X (HALLEY, 1986, pp. 691 e 699), e entre outras represálias: “O Duque da Saxônia ordenou a seus súditos a

depositar todas as cópias do Novo Testamento de Lutero nas mãos dos magistrados e em muitos lugares fizeram fogueiras desses livros” (D’Aubigne, III, p.152- Disponível em: [www.discernimentobiblico.net](http://www.discernimentobiblico.net)- acesso em 24/09/2016).

Do mesmo modo, o livreiro João na Hungria fez circular as Escrituras alemãs, como o Novo Testamento de Lutero em todo o país. Foi preso pela Inquisição, “amarrado a uma estaca, seus perseguidores em seguida, empilharam seus livros ao seu redor colocando-os como se fossem uma torre e depois atearam fogo neles”. Foi mais um mártir da inquisição católica que manifestou “incrível coragem” (D’Augbigne, III, p. 152 – Disponível em: [www.discernimentobiblico.net](http://www.discernimentobiblico.net)- acesso em 24/09/2016).

As Bíblias Anabatistas<sup>3</sup> alemãs também foram perseguidas.

A Bíblia alemã produzida por anabatistas apareceu em 1529, cinco anos antes da Bíblia completa de Lutero (...) A tradução foi feita por dois anabatistas, Ludwig Hetzer e Hans Derck, talentosos eruditos, bem versados em hebraico e grego, bem como em latim. A Bíblia e seus tradutores sofreram o destino que já vimos tantas vezes. Denck sofrendo com a tuberculose, sob decreto de banimento e proscricção, morreu na clandestinidade, na Basiléia, em 1529, um pouco antes da Bíblia vir a ser impressa. Hatzer foi preso, condenado como herege, e decapitado no mesmo ano em Constance.

Todas as cópias da Bíblia encontradas foram destruídas. Apenas três cópias que são acessíveis a acadêmicos, uma está na biblioteca da Universidade de Bonn, outra em uma biblioteca em Stuttgart e outra na Biblioteca Pública de Nova York. (KELER,Ludwig; DENCK, Hans, *Ein Apostel der Wedertauffer*, p.211; cited by Porter, p.139 – Disponível em: [www.discernimentobiblico.net](http://www.discernimentobiblico.net) – acesso em 24/09/2016 ).

A Bíblia espanhola também foi perseguida: à semelhança do Vigário John Wicliffe na Inglaterra, do Monge Martinho Lutero na Alemanha, o Padre Bonifácio Ferrer na Espanha teve sua Bíblia, que fora por ele traduzida para o espanhol e impressa em Valência em 1478, confiscada pela Inquisição e toda a impressão queimada no mesmo ano (M’CRIE, *Histoty of the Progress and Suppression of the Reformation in Spain*,1829,pp.191,192 –Disponível em: [wwwdiscernimentobiblico.net](http://www.discernimentobiblico.net)- acesso em 24/09/2016).

O Novo Testamento do espanhol Francisco de Enzimas, que foi por ele traduzido do grego para o Castelhana em 1543 e apresentado ao Imperador Carlos V numa visita deste a Bruxellas, resultou na prisão deste tradutor e a queima de todos os N.T. junto com os

---

<sup>3</sup> ANABATISTAS – Apareceram através da Idade Média, em vários países europeus, sob diferentes nomes, eram fortemente anticlericais, rejeitavam o batismo de crianças, dedicavam-se às Escrituras, e pugnavam pela absoluta separação entre Igreja e Estado. Muito numerosos na Alemanha, Holanda e Suíça ao tempo da Reforma. Em regra eram um povo calmo e genuinamente piedoso, mas foram rudemente perseguidos, especialmente nos Países Baixos. (HALLEY,1986,p.697).

manuscritos que ele possuía. Enzimas foi ainda censurado por seus familiares, escapou por um milagre da prisão e na Inglaterra (onde foi acolhido), lecionou grego na universidade daquele país (M'CRIE, *History of the Reformation in Spain*, p.p. 194-195 – Disponível em: [discernimentobiblico.net](http://discernimentobiblico.net) – acesso em 24/09/2016).

A Bíblia completa de Cassiodoro de Reina (1520-1594) foi mais um caso de clérigo espanhol hostilizado por seu trabalho de traduzir as Escrituras para o vernáculo. Tendo sido preso e condenado à morte à semelhança de Enzimas, Reina conseguiu escapar da prisão fugindo também para a Inglaterra. Seu Novo Testamento em 1567, e mais tarde toda a Bíblia em 1569, se tornou conhecida do povo de língua espanhola (LUPTON, *A History of the Geneva Bible*, I, p.40 – Disponível em: [www.discernimentobiblico.net](http://www.discernimentobiblico.net) – acesso em 24/09/2016).

À semelhança da coragem de seus contemporâneos Enzimas e Reina, o linguista Cipriano de Valera revisou a obra de Reina, publicou o Novo Testamento e posteriormente a Bíblia toda. Valera fugia da Inquisição na Espanha e como falava pelo menos dez idiomas, passou a lecionar na Universidade de Oxford. O professor Valera publicou o Novo Testamento em Londres no ano de 1596 e posteriormente a Bíblia completa em 1602. Porém o papa Júlio III que é contado entre os papas da Contra-Reforma por H.Halley, (1986, p. 962), emitiu um decreto aos inquisidores advertindo a todos sobre as Bíblias espanholas e ordenando que fossem apreendidas todas as traduções e fosse aplicado o rigor da lei para com aqueles que as portassem sem pouparem os intelectuais das universidades, faculdades e mosteiros (M'CRIE, *History of the Reformation in Spain*, pp.202,203 – Disponível em: [discernimentobiblico.net](http://discernimentobiblico.net) – acesso em 24/09/2016).

A Inglaterra acolheu estes teólogos no final do século XVI por estar consolidando a religião Anglicana inicialmente com Henrique VIII e depois com o reinado de Elizabeth I (1558-1603).

Temos ainda Jacques Lefevre que, à semelhança de Lutero que traduziu para o vernáculo alemão as escrituras em 1522 como acima citado, foi professor da Universidade em Paris e publicou para o francês depois em 1523 o Novo Testamento, e a Bíblia completa em 1528. Lefevre foi perseguido pelas autoridades, pois seu princípio era de que todos os cristãos tinham o direito de ler a Bíblia. (D'AUBIGNE, III p. 385 – [discernimentobiblico.net](http://discernimentobiblico.net) – acesso em 24/09/2016). A perseguição contra Jacques Lefevre não foi só pelas autoridades de Roma, mas também foi condenado pela faculdade teológica de Sorbonne como herege, o que o

obrigou a fugir para Estrasburgo em 1522. Lefevre morreu no sul da França onde estava refugiado.

A partir daí a faculdade de Sorbone foi implacável com a impressão e com os impressores, e o pior estava para acontecer. Em 1534 por essa onda perseguidora junto com um impressor de alguns escritos de Lutero e um livreiro que vendia esses escritos, vinte homens e uma mulher foram queimados vivos (DURART, *The Story of Civilization*, VI, p.502 – Disponível em: [discernimentobiblico.net](http://discernimentobiblico.net) – acesso em 24/09/2016).

A história dá conta de que em 19 de agosto 1525 um pregador do evangelho chamado Schuch foi queimado junto com seus livros na cidade de Nancy, na França. A narrativa histórica nos diz ainda que os sinos anunciaram o cortejo que trazia Schuch considerado por todo o povo como mais um herege, e que após seus livros serem colocados diante dele e de todos queimados, ele foi instado a se retratar.

Diante de sua negativa, ele foi queimado vivo e enquanto a fumaça sufocava sua voz ele recitava um salmo bíblico (D'AUBIGNE, *History of the Reformation*, III, pp. 468 e 469 – Disponível em: [www.discernimentobiblico.net](http://www.discernimentobiblico.net) – acesso em 24/09/2016).

Estas narrativas nos mostram como a história se repete, porque muitos outros assassinatos e genocídios amparados por uma ou outra religião ocorreram em séculos posteriores, como o extermínio dos armênios<sup>4</sup> pelos Turcos aliados da Alemanha na primeira grande guerra; também o holocausto. No Brasil como em toda a América Latina, aconteceram tortura e assassinatos de resistentes à ditadura militar, no século passado, ou seja, por pensarem diferente daqueles que detinham o poder. E nos dias de hoje a comunidade internacional está estarecida com a barbárie praticada pelo Estado Islâmico e a situação dos refugiados da guerra na Síria, onde presenciamos entre outros, o sofrimento e morte de crianças. Com toda razão nos diz Jeanne Marie Gagnebin: “O esquecimento dos mortos e a denegação do assassinio permitem assim o assassinato tranquilo, hoje, de outros seres humanos cuja lembrança deveria igualmente se apagar” (Gagnebin, 2006, p. 47).

Mas ainda tratando-se sobre a perseguição e queima de bíblias, voltamos ao ano de 1546, onde a história dá conta de que o francês Peter Chapot foi queimado até a morte por

---

<sup>4</sup> É absolutamente notável que o genocídio armênio, perpetrado em 1915 pelo governo turco e, sobretudo, sua denegação constante e ativa (até hoje esse genocídio não foi reconhecido pela comunidade internacional, que poupa os interesses dos dirigentes turcos), tenha fornecido a Hitler um argumento decisivo para sua política de extermínio. “Eu dei ordem às unidades especiais da SS de se apoderarem do fronte polonês e de matarem sem piedade homens, mulheres e crianças. Quem ainda fala dos extermínios dos armênios, hoje?”, declara ele em 21 de agosto de 1939 (GAGNEBIN, 2006, p.46).

distribuir Bíblias em francês para a França. E por razão do seu testemunho público diante da morte, foi criado um outro decreto de que se a pessoa, mesmo diante da morte na fogueira, não se retratasse, teria cortada sua língua, este decreto também foi observado (FOXÉ, *unabridged*, 1641, II p.133 – Disponível em: [www.discernimentobiblico.net](http://www.discernimentobiblico.net) – acesso em 24/09/2016).

Outro francês que deveria ter sido honrado por seu trabalho de levar as escrituras em vernáculo para o seu povo foi Stephen Polliot, porém, em 1546, foi preso com uma bolsa de escrituras e livros com comentários dos evangelhos. Após teve sua língua cortada e foi queimado “com sua mochila pendurada ao pescoço” (FOXÉ, *unabridged*, II, p. 145 – Disponível em: [discernimento bíblico.net](http://discernimento.biblico.net) – acesso em 24/09/2016).

Não teve melhor tratamento de seu próprio povo, o sapateiro Nicholas Nayle, pois também foi preso e morto na fogueira por distribuir livros em Paris em 1553. Um ano depois em 1554 foi a vez de Dionísio Vayre, preso na Normandia e queimado vivo onde segundo testemunhas procurou levantar-se por três vezes caindo novamente no fogo (FOXÉ, *unabridged*, II, p.145. Disponível em: [www.dicernimentobiblico.net](http://www.dicernimentobiblico.net) –acesso em 24/09/2016).

O livreiro Bartolomeu Heitor também foi preso e queimado na estaca em 1556, depois de definir na prisão. Demonstrando imensa coragem diante do juiz da Inquisição que lhe permitiu falar antes da execução sobre os livros supostamente hereges que distribuía, Heitor não hesitou em responder, “Se a Bíblia é uma heresia para você, é a verdade para mim” (Disponível em: ([www.discernimentobiblico.net](http://www.discernimentobiblico.net) – acesso em 24/09/2016).

A Bíblia Holandesa também foi perseguida: o poeta holandês Jacob Van Maerlandt antes de muitos outros em 1270 completou em língua materna, os quatro evangelhos, mas com isto provocou a ira do bispo de Utrecht que considerou desrespeitosa a sua tradução, pois ela estaria sendo levada a pessoas comuns, e Van Maerlandt quase perdeu a vida (BEARDSLEE,John, *The Bible among the Nations*, p.175. Disponível em: [www.discernimentobiblico.net](http://www.discernimentobiblico.net) – acesso em 24/09/2016).

Mas foi em 1526 na pessoa de outro holandês, este de nome Jacob Van Liesveldt, na cidade de Antuérpia que a Bíblia completa foi traduzida e publicada na língua materna holandesa. Nesta mesma cidade vinte anos depois Van Liesveldt pagou com a própria vida a realização de seu sonho de traduzir as escrituras para o vernáculo holandês (LUPTON, A

*History of the Geneva Bible*, I, p.35. Disponível em: [www.discernimentobiblico.net](http://www.discernimentobiblico.net) – acesso em 24/09/2016).

A Bíblia Italiana sofreu perseguição também. Antônio Brucioli em 1530 na cidade de Veneza publicou o Novo Testamento, e realizou o admirável trabalho em 1532 de tradução da Bíblia completa para o italiano. Brucioli produziu também um comentário sobre a Bíblia em sete volumes. Suas traduções foram censuradas e colocadas em primeiro lugar entre os livros proibidos já publicados ou que viessem a ser publicados, junto com qualquer obra que saísse de sua imprensa, e mesmo depois de sua morte medidas violentas foram empregadas para a apreensão de sua literatura (M'CRUE, *Reformation in Italy*, 1856, pp. 56 e 57. Disponível em: [wwwdiscernimentobiblico.net](http://www.discernimentobiblico.net) – acesso em 24/09/2016).

#### **2.4 A encomenda de cinquenta Bíblias por Constantino**

Antes da perseguição ocorrida na Idade Média houve na Idade Antiga a perseguição promovida pelo Império Romano, que só terminou com a conversão de Constantino ao cristianismo. Depois da perseguição e destruição da literatura judaico-cristã por Diocleciano, Eusébio (264-340 d. C.) historiador da Igreja que sobreviveu à perseguição, chegando a ser preso por ordem desse Imperador, foi beneficiado pelo edito de tolerância (313 d. C.) em que Constantino “concedeu aos cristãos e a todos os outros plena liberdade de seguir a religião que a cada um aprovesse” (HALLEY, 1986, pp. 658 e 672). E foi Eusébio encarregado por Constantino, do qual era o principal conselheiro religioso, de preparar cinquenta Bíblias (p. 658). Escreveu ele em sua ordem à Eusébio:

Tenho pensado na conveniência de instruir vossa prudência no sentido de serem encomendadas cinquenta cópias das Sagradas Escrituras. (...) Deverão ser feitas em pergaminho especial, de modo legível e de uma forma cômoda e portátil, por copistas bem práticos em sua arte. (...) Dou-lhe também autorização, por esta carta, de usar duas das carruagens públicas para o transporte dessas Bíblias, de modo a facilitar que, uma vez executado o trabalho com esmero, sejam elas trazidas ao meu exame (...) Deus o guarde, amado irmão (HALLEY, 1986, p. 658).

#### **2.5 As traduções Inglesas**

Acrescentamos as traduções inglesas de John Wycliffe em 1382 e William Tyndale, morto em 1536, já citados no capítulo da perseguição à Bíblia (Inglesa), a de Coverdale, 1535, que foi quase toda copiada da Bíblia de Tyndale, de Genebra, 1560, por um grupo de

protestantes que haviam fugido para Genebra baseada também na de Tyndale ( HALLEY, 1986, p. 557).

Foram feitas outras traduções como a Bíblia do Bispo, 1568, autorizada pela Igreja da Inglaterra; a versão do Rei Tiago, 1611; a revisão Anglo-Americana, 1901. (p. 668).

Quanto à tradução do Rei Tiago de 1611, devemos dizer que é a chamada Versão Autorizada que Northrop Frye utiliza no seu livro “Código dos Códigos”. Sobre esta versão Flávio Aguiar faz comentário em notas do tradutor a N. Frye (2004, p. 11).

A Versão Autorizada foi o resultado de um processo de revisão ordenado pelo Rei James da Inglaterra a partir de 1604, realizada por 54 eruditos por ele nomeados. Foi publicada em 1611. Uma de suas maiores realizações foi trazer para o inglês o impacto do hebraico sobre as versões existentes, em sua maioria derivada da Septuaginta no que se refere ao Antigo Testamento, criando um estilo peculiar. Desde as origens da Septuaginta não se conhecera esforço oficial tão grande para traduzir a Bíblia.

## 2.6 As traduções Alemãs

As traduções pré-Lutero foram citadas acima no capítulo da perseguição à Bíblia alemã e foram: a de Joham Mentelin, em Estrasburgo em 1466, e a produzida pelos anabatistas em 1529, cinco anos antes da Bíblia completa de Lutero.

Sobre a Bíblia de Lutero, entre outros nos informa Flavio Aguiar em notas do tradutor para Northrop Frye em “Código dos Códigos” com as seguintes palavras:

Já a Bíblia de Lutero saiu publicada, em sua versão, em 1534, baseada no grego quanto ao Novo Testamento e no hebraico quanto ao Antigo, e sua influência junto aos escritores de sua língua foi tão grande quanto a da Versão Autorizada sobre os escritores de língua inglesa (FRYE, notas de rodapé, 2004, pp.11 e 12).

## 2.7 As traduções Portuguesas

As traduções mais conhecidas no Brasil são duas, a do Padre Antônio Pereira de Figueiredo, traduzida do latim, chamada de Vulgata<sup>5</sup>, e a de João Ferreira de Almeida, primeira edição 1681, traduzida diretamente dos originais hebraicos e gregos (HALLEY, 1986, p.668).

---

<sup>5</sup> A Vulgata - por volta de 400 d.C., Jerônimo traduziu a Bíblia a partir do hebraico (AT) e do grego (NT) para o latim, que era então a língua do povo (vulgus): nasceu assim a “Vulgata”, tomada como referência pelo Concílio de Trento (1546 d.C). No século XX, com base em manuscritos hebraicos e gregos recém descobertos, essa obra recebeu uma revisão radical: a “Nova Vulgata”, publicada em 1979 e revisada em 1986. (Bíblia da CNBB, Introdução Geral, p.7).

Os nomes de algumas pessoas cultas e idôneas que fizeram parte das comissões que traduziram a Bíblia para o português são conhecidos como representantes das mais diversas denominações como constatamos na nominata de Henry H. Halleey. Além das versões, acima nomeadas,

(...) outras apareceram em Portugal e no Brasil, com mais ou menos merecimento, pela fidelidade, pela linguagem e pela apresentação em geral. São traduções feitas por homens interessados no livro por excelência da verdade, católicos e protestantes. Citamos Frei Joaquim, Revs. Thomas Boys e Alexandre C. Blackford, D. Leopoldo Duarte, Padres Assuncionistas, Edição Salesiana do Novo Testamento, Padre Matos Soares, Religiosos Franciscanos e Comentário do Mon. José Basílio Pereira, Jesuíta Santana, (...) Padre Huberto Rohse, pelo grego, e também pelo latim Padre Leonel Franca, Franciscanos da Bahia e Comentário de Frei Damião Klein, Padre Álvaro Negromonte. Por último, 1951, a Editora América, em S. Paulo, edita a Bíblia Sagrada, tradução do Padre Antônio Pereira de Figueiredo, sob as vistas do Padre Antônio Charbel, quinze volumes com ilustrações, comentários e notas.

A Revisão Atualizada (1959) da Tradução de Almeida, é uma das mais recentes edições no Brasil. A Comissão Revisora, primeiro do Novo Testamento e depois Antigo Testamento, compôs-se de vinte elementos, das denominações batista, presbiteriana, presbiteriana independente, metodista, congregacionista, episcopal, evangélica luterana e luterana do Brasil. (...) Os textos originais seriam: Nestle, para o Novo Testamento, e Letteris para o Antigo Testamento. As modificações levariam em conta pelo menos cinco razões, conforme os objetivos definidos da revisão, assim: 1. Infidelidade ao original, ou em desacordo com o melhor texto. 2. Palavra ou frase, antiquada demais. 3. Palavra, ou frase de outro modo impróprio. 4. Construção gramatical inferior. 5. A consideração destes pontos na revisão de Almeida terá imposto, às vezes, radical mudança no texto daquele tradutor, outras vezes sensível transformação na linguagem e, não raro, uma e outra coisa, para que o estilo se mantivesse mediano, atual, convidativo (HALLEY, 1986, pp. 668 e 669).

Todo o cuidado e esmero dos tradutores para tornar a leitura da Bíblia mais “atual e convidativa”, é uma das questões que de imediato nos deparamos quando lemos a versão atualizada. O exemplo disso, entre outros, é a ausência da cacofonia como, por exemplo, o nome próprio Cão foi substituído por Cam, este é o nome de um dos três filhos de Noé que aparece em Gênesis 9:18. E também encontramos um exemplo, digamos de contextualização ou atualização, no emprego do vocábulo amor no lugar de caridade na primeira carta aos Coríntios. Encontramos nessa tradução muita ajuda aos leitores como mapas, concordância, tabela de pesos e medidas, e entre outras coisas um plano de leitura anual da Bíblia. (Bíblia Revista e Atualizada, 1988, Sociedade Bíblica do Brasil, 2ª Ed.).



Digna de nota é a Bíblia traduzida para o português pela CNBB – A Nova Vulgata editada pela Canção Nova em 2008, em sua oitava edição, que se diferencia da tradução protestante pelo acréscimo dos sete livros chamados deuterocanônicos e mais adições em outros livros como no livro de Daniel. Esta tradução é rica, trazendo uma introdução geral com muitos dados históricos e teológicos com respeito à autoria e provável data de escrita de cada livro, além de mapas, glossário, leitura do ano litúrgico latino, notas de rodapé, moedas e medidas, abreviaturas e entre outras, numeração em vista do uso ecumênico.

### 3. A BÍBLIA COMO OBRA LITERÁRIA

A Bíblia é um livro sagrado, para algumas religiões, mas ela é também um texto fonte do imaginário Ocidental, referido nas mais diversas obras literárias. Desta forma, a Bíblia pode ser o livro sagrado e, mesmo assim, também apresentar características de texto literário, ficcional.

A Bíblia é, em primeiro lugar, um mosaico (...) Ela é um mostruário de mandamentos, aforismas epigramas, provérbios, enigmas, excertos, dísticos em paralelismo, fórmulas, contos do populário, oráculos, epifanias, sentenças, fragmentos ocasionalmente em verso, glosas marginais, lendas, aparas de documentos históricos, leis, correspondências, sermões, hinos, visões extáticas, rituais, fábulas, listas genealógicas, e por aí a fora. Todos esses elementos, para valermos-nos de uma expressão de Milton<sup>6</sup> na *Aeropagítica*, são contíguos, não contínuos; de nada adianta procurarmos em meio a eles uma consistência de continuidade, daquela que encontramos em verso ou prosa controlados por uma única mente (FRYE, 2004, p. 244).

#### 3.1 Características que tornam literário um texto

Domício Proença Filho (2007, p. 5) em sua obra “A linguagem literária”, faz um paralelo entre um texto literário e não literário, e nos diz que neste último “A seleção de palavras e a sucessão estabelecida conferem à frase uma significação que pode ser submetida à prova da verdade em relação à realidade imediata”. Ou seja, o texto não literário pode dizer respeito aos fatos comprovadamente acontecidos na realidade.

Já no poema de Drummond de Andrade: “Uma flor nasceu na rua!/Passem de longe, bondes, ônibus, rio de aço do tráfego./Uma flor ainda desbotada ilude a polícia, rompe o asfalto”, Proença Filho nos mostra que a palavra “flor” no referido poema entende-se “como esperança de mudança”, por exemplo (p. 5).

A flor a que o poeta se refere deixa “de ser um elemento vegetal para alçar-se à condição de símbolo, ganha uma significação que vai além do real concreto” (PROENÇA FILHO, 2007, p. 5). Neste poema intitulado “A flor e a náusea” estamos diante de um exemplo de texto literário, no qual encontramos a chamada linguagem literária, porque existe um uso especial da língua falada.

---

<sup>6</sup> John Milton – 1608-1674 – Londres

Poeta e funcionário público inglês, servindo como ministro de línguas estrangeiras. Obras: Paraíso perdido e Areopagítica (1644). Influências: William Shakespeare, Dante Alighieri John Donne. Atacou William Laud, arcebispo de Cantuária. Publicou textos em defesa dos princípios republicanos e criticou a monarquia. [https://pt.wikipedia.org/wiki/John\\_Milton](https://pt.wikipedia.org/wiki/John_Milton) - Acesso em 06/09/2016.

Verificamos que há um contraste entre a fala (simples discurso do dia a dia) e o discurso literário. O primeiro é apenas “um instrumento da informação e da ação (...). O mesmo não acontece com o discurso literário. Este se encontra a serviço da criação artística” (PROENÇA FILHO, 2007, p. 7).

Outra característica de um texto literário é o emprego do sentido conotativo do signo linguístico. É quando segundo o exemplo usado por Proença Filho (2007, p. 35) no vocábulo “flor”, se dá algo mais de acréscimo a este signo deixando este de ser apenas um vegetal (sentido denotativo), para significar muitas outras coisas pelo uso da linguagem poética, muito comum na literatura.

O algo mais que se acrescentou ao signo situa-se, como já observamos, no âmbito da conotação. No caso, esta se vincula à criação de uma metáfora, uma figura de linguagem que, como tal, torna mais expressivo o uso da língua, mesmo no discurso cotidiano. As figuras assim utilizadas se aproximam da linguagem literária, mas, se não integram um texto literário, não ganham a especificidade de representantes plenas desse tipo de linguagem que marca, por exemplo, a frase quando no texto drumondiano ou no romance de Machado de Assis.

A conotação implica um universo cultural. (...)

Por via da conotação, pode-se, pois, partir do texto para o social, uma vez que a literatura é, antes de tudo, um objeto de linguagem. E não nos esqueçamos de que o texto literário envolve dimensões históricas e ideológicas. É portanto, sobretudo por força de sua dimensão conotativa que a obra literária se abre às mais variadas interpretações (Proença Filho, 2007, pp.35,36)

O sentido conotativo das palavras é bastante recorrente nos textos bíblicos, como veremos no emprego dos signos, “estrela da manhã”, “vinho e sangue”, “o teu povo as ovelhas das tuas pastagens” (item 3.4 folha 39).

Muito mais é preciso para identificar um texto literário de um texto não literário, o assunto é tão vasto e complexo que os autores não conseguem chegar a uma única definição. Os autores limitam-se a serem exemplificativos e não conclusivos.

Para conceituar literatura Marisa Lajolo nos faz uma pergunta: “Não se pode dizer que literatura é aquilo que cada um considera literatura?” E nos diz a seguir:

(...) *literatura* não tem *uma* definição. Ela não pode ser definida como podem ser definidos – com certa unanimidade – um composto químico, um acidente geográfico, um órgão do corpo humano. Já observou a arguta leitora como as definições sempre funcionam para quem as produz? (...) Afinal, pensadores, escritores, artistas e demais envolvidos em teorias e práticas de literatura discutem, escrevem, polemizam (antigamente até duelavam!) e modulam conceitos de literatura que correspondem ao contexto de produção de

seu tempo, aos horizontes dos leitores, às práticas de leituras em vigor. Por isso parecem explicar de forma convincente *o que é literatura*. Mas só temporariamente.

Quando surgem novos tipos de poemas, de romance e de contos e outras multidões de leitores entram em cena, aquela livralhada toda passa a ser lida de forma diferente (...).

Ou seja, há relação profunda entre as obras escritas num período – e que, portanto, são a literatura desse período – e a resposta que esse período dá à questão *o que é literatura?* (LAJOLO, 2001, pp. 24 e 25).

Por isso prudentemente os autores resistem a fixar um conceito de literatura, porque “o conceito de literatura, como acontece com outros fatos culturais, não é matéria pacífica entre os estudiosos que a ela se dedicam” (PROENÇA FILHO, 2007, p. 8)

Embora não possuindo de forma conclusiva o conceito de literatura, podemos identificar um texto literário através da linguagem literária que por apresentar a ficção, o fantástico, entre outros atributos, diferencia-se da linguagem como o objeto de estudo da linguística, como foi citada anteriormente, vista apenas como “instrumento da informação e da ação”.

E a definição de linguagem seria, segundo Ernst Cassirer, citado por Domício Proença Filho, “A linguagem é a faculdade que o homem tem de expressar seus estados mentais através de um conjunto de sons vocais chamado língua, que é ao mesmo tempo representativo do mundo interior e do mundo exterior” (CASSIRER apud PROENÇA FILHO, 2007, p. 19).

E a definição de língua para o nosso melhor entendimento seria: “Língua é um sistema de signos, ou seja, é um conjunto organizado de elementos representativos. (...) é, simultaneamente, uma instituição social, é a linguagem de uma sociedade” (PROENÇA FILHO, 2007, pp. 23 e 24).

E encontraremos nos textos bíblicos que iremos analisar a presença dos signos, ritmos, as modalidades literárias de verso e prosa, como também, parábolas, salmo, cânticos, cartas (epístolas), narrativas míticas e figuras de linguagem.

Quanto ao *signo* temos a seguinte definição:

Signo, (...) pode ser entendido, segundo Charles Sanders Peirce, ou como qualquer elemento que, sob certos aspectos e em certa medida, representa outro.

À luz das posições do mesmo estudioso, podemos identificar três modalidades de signos: o signo índice ou *índex*, que mantém relação direta com o que representa (é o caso de uma impressão digital por exemplo); o signo ícone, que tem analogia ou semelhança com o que representa (uma fotografia, uma estátua, um esquema); o signo

símbolo, que se baseia numa convenção (as palavras de uma língua, as bandeirolas usadas na comunicação marinheira, os sinais de trânsito etc.). Essas modalidades admitem superposições: a cruz, por exemplo, enquanto instrumento de flagelação, é um ícone; enquanto representação do cristianismo, é símbolo; a impressão digital pode envolver dimensões de ícone e de índice, e ganha caráter simbólico quando, por exemplo, passa a representar uma entidade ou uma empresa; as palavras onomatopaicas são símbolos-ícones: farfalhar (de sedas), cacarejar (de galinhas) etc. (PROENÇA FILHO, 2007, pp. 20 e 21).

Já tratando-se de *ritmo*, podemos dizer que o que contribui para a existência deste é a *rima* que por sua vez encontramos na caracterização do verso (PROENÇA FILHO, 2007, p. 67). Northrop Frye nos dá um exemplo de ritmo na Bíblia muito próximo dos tipos de versos “como na sequência “Pela fé Abel”, “Pela fé Enoc”, “Pela fé Noé”, que encontramos na Epístola aos Hebreus, 11” (FRYE, 2004, p. 252).

Para termos uma distinção entre verso e prosa valemo-nos do texto que nos mostra que há “um ponto comum fundamental para a distinção entre verso e prosa: repetição (ou ritmo, ou periodicidade, ou paralelismo, ou simetria)” (PROENÇA FILHO, 2007, p. 63). Como vimos no exemplo acima, a repetição da expressão “Pela fé” dá ritmo ao texto.

E quando se trata de livro sagrado “é normalmente escrito com, ao menos, a concentração da poesia; como poesia, portanto, ele está intimamente relacionado com as condições de sua linguagem” (FRYE, 2004, p. 25). E quando falamos da cultura de um povo lembramos, também da cultura árabe, entre outras, que faz com que o Alcorão, por exemplo, esteja, “tão entrelaçado com as características próprias da linguagem árabe que, na prática, o árabe teve de acompanhar a religião islâmica onde quer que ela fosse” (FRYE, 2004, p. 25). Na maioria das culturas árabes, a língua acompanha a religião islâmica, em qualquer lugar, por uma questão de identidade, porque a língua e a cultura árabe são preconizadas pelo Alcorão, assim como, claro, o culto islâmico. O mesmo acontece com a Bíblia que está traduzida em muitos idiomas acompanhando a religião judaica, cristã e espírita kardecista em qualquer lugar, também por uma questão de cultura e identidade.

Outro conceito que não poderia ficar esquecido quando se fala em texto literário é o da *Mimese*.

Para Platão, a arte envolveria a representação do mundo das aparências e das opiniões; a mimese, na concepção platônica corresponde à imitação da aparência da realidade (...). Já para Aristóteles, a mimese corresponde à imitação das “essências”; imitar não é duplicar o referente; implica conhecimento da natureza profunda do ser humano e do mundo (...).

A partir dos fins do século passado, após um novo entendimento da teoria aristotélica, passou a ser compreendido como revelação da essência do real. A o lado dessa tradição como imitação das essências, envolve ainda na estética do Ocidente, conforme assinala Stefan Morawski, uma tradição platônica (imitação das aparências) e uma tradição democrática (imitação das ações da natureza) (PROENÇA FILHO, 2007, pp. 31 e 82).

Já Eric Auerbach (2004, p. 499) nos dá a entender no epílogo de seu livro “Mimesis” que o conceito se refere à “interpretação da realidade através da representação literária ou “imitação”, assunto que o tem ocupado há longo tempo. Auerbach “estuda a interpretação da realidade histórica e social em textos representativos, desde o *Gênesis* e a *Odisseia* até obras de Proust, Joyce e Virginia Woolf. Trata-se de obra já clássica sobre a questão da mímese” (PROENÇA FILHO, 2007, p. 85).

Concluimos que o conceito da Mímese não pode ser olvidado quando nos referimos a literatura, seja como nas palavras de Platão corresponda à “imitação da aparência da realidade”, ou como “imitação das essências” segundo Aristóteles, ou num conceito mais contemporâneo “interpretação da realidade através da representação literária ou imitação” segundo o alemão Eric Auerbach já citado.

### **3.2 Características literárias da Bíblia**

O entendimento da Bíblia como literatura devemos aos Românticos, por perceberem que “a prática Protestante comum de manter a Bíblia num compartimento diverso daquele da literatura secular (...) era irracional” (FRYE, 2004, p.18). Os românticos perceberam que essa separação era irracional, porém, “(...) Cinquenta anos atrás prevaleceu este equívoco: atacaram-se os Românticos por confundirem religião e literatura” (19). Mas logo, como hoje em dia, “na medida em que volta ao foco uma teoria baseada na leitura crítica, com ela retorna também o pensamento, para muitos críticos, de que a Bíblia é relevante para a literatura secular” (FRYE, 2004, p.19).

A premiada escritora Marilynne Robinson<sup>7</sup> afirma que: “a Bíblia é o livro mais influente da literatura. A razão para isto, argumenta Robinson, é o conceito da intertextualidade” (Protestante Digital). E ela vai nos lembrar de Dante Alighieri com sua “Divina Comédia”, de John Milton com suas obras poéticas “Paraíso Perdido” e “Paraíso Reconquistado” nas quais ele explora o ensinamento calvinista. Outro escritor referido é Dostoievski que nos apresenta “o príncipe Michkin de “O idiota” que perturba e antagoniza dizendo sempre a verdade e encarnando o Cristo que diz ”Bem-aventurado aquele que não se escandalizar em mim” (Lucas 7: 23). (Traduzido e adaptado de The New York Times por Protestante Digital).

É conveniente apresentarmos uma definição do conceito de “Intertextualidade” já que Robinson o considera como motivo para a significativa influência da Bíblia na literatura. E para tanto nos valem do que cita Tania Franco Carvalhal: “a intertextualidade, cunhada e difundida por Kristeva, é explicada como uma propriedade do texto literário, que se constrói como um mosaico de citações, como absorção e transformação de outro texto” (KRISTEVA apud CARVALHAL, 2003, P.72)

Também Ana Lúcia Santana nos diz que a “Intertextualidade”,

pode ser compreendida como a produção de um discurso com base em outro texto previamente estruturado. Em cada caso este conceito assumirá papéis distintos, em decorrência dos enunciados nos quais ele será embutido. Este elemento está vinculado certamente ao domínio de um saber geral sobre o mundo. Há pelo menos sete tipos de intertextualidade: epigrafe – citação – paráfrase – pasticho – tradução – referência e alusão. ([www.infoescola.com/redação/tipos-de-intertextualidade/](http://www.infoescola.com/redação/tipos-de-intertextualidade/) - acesso em 22/10/2016).

O Professor Anderson Lima, da Universidade Metodista de São Paulo, assim como Robinson, já citada, também defende a influência da Bíblia sobre a literatura, ele vai nos dizer que:

Nosso imaginário religioso e as nossas leituras do mundo possuem marcas oriundas dos textos bíblicos. Também os códigos de relacionamentos sociais que tacitamente assimilamos foram muito motivados pelos padrões de moralidade inspirados na literatura bíblica. Estudar a Bíblia fora da igreja e a partir de pressupostos não (somente) religiosos pode se mostrar um exercício apaixonante (LIMA, 2012, p. 11).

---

<sup>7</sup> MARILYNNE ROBINSON - é autora do romance *Gilead*, ganhadora do Pulitzer em 2006. Esse é um dos prêmios mais importantes do mundo. Recentemente, ela publicou no jornal The New York Times os resultados de uma pesquisa que ela realizou sobre o papel da Bíblia na literatura contemporânea.

Do enquadramento da Bíblia como texto literário nos é dado um significativo argumento por Northrop Frye, quando diz: “nenhum livro poderia ter uma influência literária tão pertinaz sem possuir, ele próprio características de obra literária” (FRYE, 2004, p. 14). Sendo assim, podemos dizer que a Bíblia, em nosso entender, influencia consideravelmente a percepção sensível, artística, estética de seus leitores.

O professor Nythamar de Oliveira da PUCRS chega a dizer que, Shakespeare possuía uma “dívida para com o universo tragicômico e o imaginário dramático das histórias, narrativas e construções poéticas da Bíblia” (OLIVEIRA, 2015, p. 04).

Por sua influência na literatura e cultura ocidental de modo geral, é que a Literatura Bíblica interessou até aos chamados “mestres da suspeita – Max, Nietzsche e Freud – e seus epígonos e críticos contemporâneos – como Ricoeur, Foucault, Levinas, Derrida – todos grandes leitores da Bíblia” (OLIVERIA, 2015, p.04). E acrescentaria a esta lista como estudioso e crítico da Bíblia, o psicanalista francês Lacan, seguidor de Freud. Lacan discorda do mandamento judaico “Amarás o teu próximo como a ti mesmo” pois,

Para Lacan, que segue Freud nesse aspecto, essa dimensão abissal de um outro ser humano – o abismo da profundidade de uma outra personalidade, sua completa impenetrabilidade – encontrou sua plena expressão primeiro no judaísmo, com sua injunção a que amemos o próximo, como a nós mesmos. Para Freud, assim como para Lacan, essa injunção é profundamente problemática, uma vez que ela ofusca o fato de que, sob o próximo como minha imagem especular, aquele que se parece comigo, por quem posso sentir empatia, sempre se esconde o abismo insondável da Alteridade radical, de alguém sobre quem eu por fim nada sei. Posso realmente confiar nele? Quem é ele? (ZIZEK, 2010, p. 56).

### **3.3 Os livros poéticos**

O primeiro livro poético, pela ordem do Antigo Testamento, é o de Jó, os outros são Salmos, Provérbios, Eclesiastes, Cântico dos Cânticos, “muitos trechos de tais livros são escritos em forma poética (...) a poesia hebraica não tem métrica nem rima, como a nossa. Consiste antes em paralelismos, ou ideias rítmicas” (HALLEY, 1986, p. 220). É comum na poesia hebraica de “o mesmo pensamento ser repetido com palavras diferentes, o segundo contrastando-se com o primeiro, ou levando-o a uma culminância” (p. 220).



Também é recorrente o Talmud interpretar e apresentar comentários do livro dos Salmos. O Salmo 91 que o Talmud<sup>8</sup> denomina de hino, intitula-o de “Cântico dos Flagelos”, entre os cristãos é intitulado de “Salmo da Proteção” (<http://www.pt.chabad.org/>-acesso em 16/09/2016).

O livro de Jó para alguns trata-se de uma lenda oriental (AUERBACH, 2004, p.16), para outros, segundo uma velha tradição judaica, teria sido escrito por Moises (1400 ou 1300 a.C.) que o teria recebido de familiares de Jó ou do próprio protagonista, “Podia chamar-se de um poema histórico, isto é, baseado num evento real” (HALLEY, 1986, pp. 34 e 221).

O narrador em terceira pessoa, como é consenso na literatura, conhece os personagens, e como tal no livro de Jó, nos dá uma descrição do seu protagonista: “Na terra de Uz vivia um homem chamado Jó. Era homem íntegro e justo, temia a Deus e evitava fazer o mal. Tinha ele sete filhos e três filhas, (...) Era o homem mais rico do oriente”(1:1-3). Depois da tragédia em que Jó perdeu todos os seus filhos, todos os seus bens e foi acometido de chagas as quais ele rapava com um caco de telha, Jó: ‘Em tudo isso não pecou e não culpou a Deus de coisa alguma’(1:22), e num período de nove meses depois que Jó orou por seus amigos, o Senhor o tornou novamente próspero e lhe deu em dobro tudo o que tinha antes. “O Senhor abençoou o final da vida de Jó mais do que o início(...) Também teve ainda sete filhos e três filhas. À primeira filha deu o nome de Jemina (pomba), à segunda o de Quézia (fragrância, perfume), e a terceira o de Quérem-Hapuque (frasco difícil de quebrar)”(42:14) . E ainda nos informa o narrador, que em parte alguma daquela terra havia mulheres tão bonitas como as filhas de Jó e que seu pai lhes deu herança junto com os seus irmãos e depois disso Jó viveu cento e quarenta anos (42:16).

O livro dos Salmos: “possui 150 poemas musicados para o culto, ele é considerado o hinário e livro de Orações de Israel. Chamado em hebraico “Livro de Louvores”. De 283 citações de A. T<sup>9</sup>. no Novo, 116 são dos Salmos” (HALLEY, 1986, p. 227). Os Salmos mais conhecidos são: O Salmo 90 da autoria de Moisés, “que viveu 400 anos antes de Davi”, (p. 239); o Salmo 91 da autoria de David, “que viveu em 1011 a.C.” (p. 34), conhecido no mundo cristão, como acima referido, o “Salmo da Proteção”, e do mesmo autor o Salmo 23,

---

<sup>8</sup> O TALMUD. Consiste de tratados de assuntos legais, éticos e históricos, escritos pelos antigos rabinos. Foi publicado no ano de 499 d.C., na academia religiosa da Babilônia, onde vivia a maior parte dos judeus daquela época. O Judaísmo ortodoxo baseia suas leis geralmente nas decisões encontradas no Talmud. Nele se encontram também milhares de parábolas, esboços biográficos, anedotas humorísticas e epigramas que fornecem uma visão íntima da vida judaica nos dias que antecederam e seguiram de perto a destruição do Estado judeu.

<sup>9</sup> Usamos A.T. para nos referirmos ao Antigo Testamento ou escritos veterotestamentários e N.T. para nos referirmos ao Novo Testamento ou escritos neotestamentários.

conhecido como “O Bom Pastor”, é também conhecido como o Rouxinol dos Salmos (BÍBLIA, Nova Versão Internacional, 2000, pp. 435 e 471).

É significativo tratando-se de Salmos dizer que “as últimas palavras de Cristo na Cruz, eram citações deste livro, Salmo 22:1; Salmo 31:5 em Mateus 27:46; Lucas 24:44 (HELLEY, 1986, p. 227).

E ainda entre os Salmos há os considerados Messiânicos, que são os seguintes:

Sl 2 – A Deidade e o reinado universal do Ungido de Deus; Sl 8 – O homem mediante o Messias, torna-se dominador da criação; Sl 16 – Sua ressurreição dentre os mortos; Sl 22; Seus sofrimentos; Sl 45 – Sua noiva real e Seu trono eterno; Sl 69 – Outra vez, os sofrimentos do messias; Sl 72 – A glória e a eternidade do Seu reinado; Sl 89 – O juramento divino que Seu trono não terá fim; Sl 110 – O Rei e Sacerdote eterno; Sl 118 – Será rejeitado pelos chefes do Seu povo; Sl 132 – O Herdeiro eterno do trono de Davi (HALLEY, 1986, p. 228).

Estes Salmos como vimos acima, escritos mil anos antes de Cristo, contêm referências a Ele e de modo nenhum segundo os dogmas<sup>10</sup> judaico-cristãos se aplicam a outras pessoas da História. Todos sabemos que estes Salmos se referem, segundo a leitura cristã e os judeus messiânicos<sup>11</sup>, e não aos judeus em geral, a Jesus de Nazaré, filho de Maria (LUCAS, 1: 26-33). Mas tomamos como norte o que nos esclarece Northrop Frye: “Sei que as concepções judaicas e islâmicas da Bíblia são muito diferentes da cristã. Tendo em vista os meus objetivos, a única forma de Bíblia com que posso trabalhar é a cristã” (FRYE, 2004, p. 11). Assim também, para a realização deste Trabalho de Conclusão de Curso, a leitura que fazemos da Bíblia é a cristã. Porque estamos analisando a influência da Bíblia na cultura e literatura Ocidental e esta influência bíblica é do ponto de vista do cristianismo.

O livro de “Eclesiastes” é de autoria de Salomão, Filho de Davi, rei de Israel, conforme nos é informado no início do próprio livro (1:1) “As palavras do mestre, filho de Davi, rei em Jerusalém”.

Segundo relatos do livro de Reis capítulos quatro (04) e nove (09), no Antigo Testamento temos a informação de que Salomão foi o mais famoso e poderoso rei do mundo em sua época, viveu aproximadamente em “cerca de 971 a.C. (...) notável por sua sabedoria,

<sup>10</sup> DOGMAS. “Eles são os pontos considerados centrais para aquele tipo de crença, como o monoteísmo para o judaísmo, a divindade de Jesus Cristo para o cristianismo, e a crença na reencarnação para o espiritismo kardecista. Os dogmas são considerados indiscutíveis no interior das instituições religiosas, são anunciados como verdades absolutas”. (OLIVEIRA, 2015, p.4).

<sup>11</sup> JUDAÍSMO MESSIÂNICO. (Judaísmo Meshichista), é uma autodenominada ramificação religiosa judaico-cristã, que acredita na figura de Yeshua (nome original para Jesus) como sendo o Messias esperado pela tradição profética judaica.

/www.google.com.br/search?q=judeus+Messiânicos – Acesso em 17/09/2016.

riqueza e conhecimentos literários” (HALLEY, 1986, p.34 e 248). Em Eclesiastes, entre outros, Salomão escreveu um poema em que mostra, que há tempo para tudo:

Tempo de nascer e tempo de morrer, tempo de plantar e tempo de arrancar o que se plantou, tempo de matar e tempo de curar, tempo de derrubar e tempo de construir, tempo de chorar e tempo de rir, tempo de prantear e tempo de dançar, tempo de espalhar pedras e tempo de ajuntá-las, tempo de abraçar e tempo de se conter, tempo de procurar e tempo de desistir, tempo de guardar e tempo de jogar fora, tempo de rasgar e tempo de costurar, tempo de calar e tempo de falar, tempo de amar e tempo de odiar, tempo de lutar e tempo de viver em paz (ECLESIASTES, 3:2-8).

O “Cântico dos Cânticos” é também atribuído a Salomão. “É um cântico de amor. (...) a transição brusca de um interlocutor para outro, e de um para outro lugar, sem explicação sobre a mudança de cenas e de autoria, torna difícil compreendê-lo” (HALLEY, 1986, p. 250). Num dos poemas encontramos os seguintes versos: “Nem muitas águas conseguem apagar o amor; os rios não conseguem levá-lo na correnteza. Se alguém oferecesse todas as riquezas de sua casa para adquirir o amor, seria totalmente desprezado” (CÂNTICO DOS CÂNTICOS, 8:7). Salomão compôs três mil provérbios, e os seus cânticos chegaram a mil e cinco (I REIS, 4:32).

E o livro de Provérbios que escolhemos para analisar neste Trabalho de Conclusão de Curso está dividido “como o Pentateuco e os Salmos em cinco partes” (HALLEY, 1986 p. 244). Possui trinta e um capítulos que podem ser lidos um a cada dia do mês. Sua autoria nos é informada no próprio livro: “Estes são os provérbios de Salomão, filho de Davi, rei de Israel” (PROVÉRBIOS, 1:1). Do capítulo 25 a 29, temos a terceira parte do livro “que são outros provérbios de Salomão, compilados pelos servos de Ezequias rei de Judá” (25:1). Porém o capítulo 30, um dos que iremos analisar, é atribuído a um provável amigo de Salomão chamado Agur<sup>12</sup>, e o capítulo 31 é atribuído à Lemuel<sup>13</sup> rei de Massa, e o Epílogo formado pelos versículos 10-31, deste mesmo capítulo “é um poema organizado em ordem alfabética, no hebraico” (BÍBLIA – NVI<sup>14</sup>, nota de rodapé, 2000, p. 525).

---

<sup>12</sup>Capítulo 30. Provérbio de “Agur”: Não se sabe quem foi pois não temos registro histórico de um personagem chamado Agur. Provavelmente foi amigo de Salomão. Este apreciava-lhe tanto os provérbios que julgou valer a pena incluí-los no seu livro (HALLEY, 1986, p. 247).

<sup>13</sup>Capítulo 31. Conselho de uma mãe a um Soberano. Rei Lemuel pensa-se que era outro nome de Salomão. Vê-se que este poema trata de mães, e não de reis. É um acróstico (p. 247).

<sup>14</sup> NVI – Nova Versão Internacional / Traduzido pela comissão de tradução da Sociedade Bíblica Internacional. – São Paulo: Editora Vida, 2000.

Quanto às origens arcaicas de Provérbios, segundo os últimos estudos, remontam aproximadamente ao século X a. C. E o seu gênero literário inclui figuras, como metáforas, símiles, alegorias, metonímia e recursos linguísticos como o da repetição que marcam a rima e o ritmo dos versos, como também pequenas parábolas e descrições, como a mulher virtuosa do capítulo 31:10-31 (Bíblia – CNBB, Introdução ao livro de Provérbios, p. 762).

### 3.4 O livro de Provérbios

Encontramos várias características que ressaltam a literalidade no livro de Provérbios. Nas narrativas judaico-cristãs, que são interpretação da realidade histórica e social ou nas palavras de Auerbach, já citado, ocorre “a representação da realidade através da representação literária”. Como por exemplo no texto narrativo do capítulo sete (07), em terceira pessoa, texto linear sem *flashback*, identifica-se aqui a prosa e a poesia:

(...) da janela de minha casa olhei através da grade e vi entre os inexperientes, no meio dos jovens um rapaz sem juízo. Ele vinha pela rua, próximo à esquina de certa mulher, andando em direção à casa dela. Era crepúsculo, o entardecer do dia, chegava as sombras da noite, crescia a escuridão. A mulher veio então ao seu encontro, vestida como prostituta cheia de astúcia no coração. (...) Por isso saí para encontrá-lo; vim à sua procura e o encontrei! (...) Perfumei a minha cama com mirra, aloés e canela. Venha, vamos embriagar-nos de carícias até o amanhecer, gozemos as delícias do amor! Pois o meu marido não está em casa; partiu para uma longa viagem. Com a sedução das palavras o persuadiu, e o atraiu como o dulçor dos lábios. Imediatamente ele a seguiu como boi levado ao matadouro, ou como o cervo que vai cair no laço (...) ou como o pássaro que salta para dentro do alçapão sem saber que isso lhe custará a vida (Provérbios 7: 6-23).

Como o protagonista é jovem este texto narrativo seria indicado como propício aos leitores/ouvintes jovens (DALVI, 2013, p. 86). Por sinal o livro de Provérbios, no capítulo primeiro versículo quatro (1:4) é recomendado aos jovens, quando diz “ajudarão a dar prudência aos inexperientes e conhecimento e bom senso aos jovens”.

Esta é uma obra, do sistema educacional judaico, que os jovens deveriam decorar, inculcar, para adquirir as virtudes acima nomeadas, “prudência, conhecimento e bom senso”. Este livro fala do valor da educação. A formação do sistema de educação judaico é contemporânea ao de Sócrates e Platão (300 a. C), e embora o primeiro se fundamente na tradição e tenha fundo religioso e o helenista baseie-se na razão, não podem ser desconsiderados, pois ambos são formadores do nosso sistema educacional (Bíblia – CNBB, Introdução ao livro de Provérbios, p. 762).

No capítulo oito (08) está “a sabedoria personificando-se e anunciando o seu conhecimento”

Amo os que me amam, e quem me procura me encontra (...) Meu fruto é melhor do que o ouro, do que o ouro puro o que eu ofereço é superior à prata escolhida. Ando pelo caminho da retidão, pelas veredas da justiça (...) O Senhor me criou como o princípio de seu caminho antes das suas obras mais antigas fui formado desde a eternidade, desde o princípio, antes de existir a terra (Provérbios 8: 17-23).

O Novo Testamento dialoga com o texto de Provérbios citado: em sua primeira “Carta aos Coríntios”, Paulo diz que: “Jesus Cristo, o qual para nós foi feito por Deus sabedoria, justiça, e santificação e redenção” (1Co 1:30 – ARC<sup>15</sup>). Dialoga também com o evangelho de João “No princípio era aquele que é a Palavra. Ele estava com Deus e era Deus. Ele estava com Deus no princípio” (João 1:1 – NVI).

O livro de Provérbios apresenta no capítulo nove (09) as figuras literárias denominadas por Northop Frye de “As mulheres metafóricas”: “Suspeito que estas mulheres (...) que representam a sabedoria e a insensatez ao invés de lugares comuns sobre as prostitutas, também têm muito a ver com o uso preciso e equívoco da linguagem” (FRYE, 2004, p. 265). Possivelmente Frye queira nos dizer que a linguagem usada pelo autor de Provérbios à mulher insensata é do tipo “equívoco da linguagem”, pois a denomina de “linguagem simplista, da repressão, do preconceito e dos condicionamentos sociais”. Na verdade muitas expressões do Velho Testamento precisam ser contextualizadas, pois não se aplicam à cultura de hoje e não se aplicam ao cristianismo. Jesus mesmo não concordava com a discriminação da mulher. Mas é comum encontrar discriminação, diferenciações tomadas então como naturais e, agora, como preconceito nos escritos da Velha Aliança<sup>16</sup>, Jesus como mensageiro da Nova Aliança não aceitava a intolerância religiosa, o preconceito racial e a discriminação.

No mesmo capítulo “Linguagem II”, Northrop Frye (p. 260), cita Dante Alighieri e suas explicações sobre a polissemia na Bíblia, ou seja, “mais do que um sentido”, há um sentido literal e um sentido alegórico ou místico. Este texto bíblico tem um forte sentido místico, pois trata-se de uma linguagem metafórica e alegórica, porque estamos diante da

<sup>15</sup> ARC –Almeida Revista e Corrigida

<sup>16</sup> Velha Aliança – Trata-se da Aliança que “Jeová” fez com o povo hebreu da qual Moises foi mensageiro e mediador. Na epistola aos hebreu é denominada de primeira aliança (Hebreu 9:1). Esta primeira aliança durou até João Batista (Mateus 11:12,13), e foi considerada Velha Aliança quando Jesus trouxe a Nova Aliança “da qual Ele é mediador é superior à antiga sendo baseada em promessas superiores (...) Chamando “nova” esta aliança, ele tornou antiquada a primeira; e o que se torna antiquado e envelhecido está a ponto de desaparecer” (Epístola aos Hebreu 8:6-13).

exposição de um pensamento sob a forma figurada, estamos diante da mensagem ficcionalizada, o que segundo os pressupostos de identificação de um texto com a ficção estão além da intenção do autor, “um acordo tácito entre autor e leitor, acordo consensualmente baseado na chamada “suspensão voluntária da descrença” e orientado no sentido de se encarar como culturalmente aceitável o jogo da ficção” (REIS; LOPES, 1988, p. 44).

As mesmas figuras de linguagem onde aparecem mulheres metafóricas e alegóricas, encontramos na carta do apóstolo Paulo aos Gálatas (4:21-24), onde Sara e Hagar representam duas alianças, uma feita no Sinai e outra no monte Sião (Jerusalém): ”Pois está escrito que Abraão teve dois filhos, um da escrava e outro da livre. O filho da escrava nasceu de modo natural, mas o filho da livre nasceu mediante promessa”.

Ambas as mulheres de Provérbios capítulo nove (9) começam seu chamamento de modo semelhante. “Venham todos os inexperientes”.

A sabedoria: Matou animais para a refeição, preparou seu vinho e arrumou sua mesa. Enviou suas servas para fazerem convites, “Venham todos os inexperientes” aos que não têm bom senso ela diz: “Venham comer a minha comida e beber o vinho que preparei. Deixem a insensatez, e vocês terão vida; andem pelo caminho do entendimento. A insensatez: Sentada à porta de sua casa no ponto mais alto da cidade clama aos que passam por ali seguindo o seu caminho “Venham todos os inexperientes” Aos que não têm bom senso ela diz: “As águas roubadas são doces e o pão que se come escondido é saboroso”. Mas eles nem imaginam que ali estão os espíritos dos mortos, que os seus convidados estão nas profundezas da sepultura (PROVÉRBIOS 9:1-6;13-18).

Para Northrop Frye a interpretação da narrativa das mulheres metafóricas, a sábia e a insensata, como vimos acima é a seguinte, quanto à narrativa da insensata diz ele: “E a simplicidade em que a mulher insensata apela é o jargão simplista do pânico, da ansiedade, da repressão, do preconceito e dos condicionamentos sociais que desintegram uma comunidade verbal” (FREY, 2004 p. 265). A isto Frye chama de linguagem equivocada (p. 265). E tratando-se do uso da linguagem, quanto à narrativa da sábia ele diz: “A mulher sábia chama à baila o impulso primitivo da consciência de ligar-se com a realidade, usualmente construído pelos modos mais simples de linguagem” (p. 265). Quanto à expressão, “modo simples de linguagem”, significa que autor do livro de Provérbios usa a linguagem da metáfora para fazer um apelo à consciência dos interlocutores, para que estes rejeitem o apelo da “Insensatez” e atendam ao apelo da “Sabedoria.”

No livro de Provérbios 20:1<sup>17</sup> ocorre a personificação do vinho: “O vinho é zombador e a bebida fermentada provoca brigas; não é sábio deixar-se dominar por eles”.

“Portanto a imagem central da Bíblia, na tradução evangélica, é a da transformação, seja da água em vinho ou a do vinho em sangue. Uma coisa pode vir a ser ou revelar-se outra, essa é a grande lição bíblica nesse sentido” (AGUIAR, posfácio à Frye, Código dos Códigos, 2004, p. 275).

Este tipo de linguagem em que “uma coisa pode vir a ser ou revelar-se outra”, ocorre ao longo da Bíblia, por exemplo, quando em Apocalipse é dito que Jesus é a “resplandecente Estrela da Manhã” (Ap. 22:16 - NVI) ou no Salmo que diz: “Então nós o teu povo as ovelhas das tuas pastagens para sempre te louvaremos” (Salmo 79:13), trata-se de metáforas como no caso do vinho, pois vinho não é sangue, estrela no caso referido não é estrela e ovelha não é ovelha, mas pessoas, o povo de Deus.

A linguagem poética trabalha muito com o sentido conotativo com o intento de criar ou modificar o significado como acabamos de presenciar. Este é mais um exemplo de uso da linguagem literária na Bíblia diferente do sentido denotativo em que, “prevalece a denotação do signo linguístico em que a palavra apresenta seu sentido original, impessoal, sem considerar o contexto, tal como aparece no dicionário” (<http://www.soportugues.com.br/>- acesso em 16/01/2017).

Assim há uma transformação muito comum na linguagem bíblica. Por isso é necessário considerar que o modo tipológico é o modo certo de ler a Bíblia. (FRYE, 2004, pp.107 e 135). Por exemplo, quando Isaque carregou a lenha sobre os seus ombros rumo ao monte Moriá para ser sacrificado, naquele momento ele tipificou Jesus Cristo (Gêneses 22:6), logo a seguir na mesma narrativa, quem tipifica Cristo é o carneiro que substituiu Isaque no sacrifício (Gêneses 22:13).

Em Provérbios 21:1 encontramos imagens metafóricas semelhantes às usadas por Fernando Pessoa. “O coração do rei é como um rio controlado pelo Senhor; ele o dirige para onde quer”. Fernando Pessoa diz: “Meu pensamento é um rio subterrâneo”<sup>18</sup>. Nesse caso, a metáfora é possível na medida em que o poeta estabelece como em Provérbios, relações de semelhança entre um rio subterrâneo e seu pensamento. (Pode estar relacionado à fluidez, à

<sup>17</sup> Significa livro de Provérbios capítulo 20 e versículo primeiro, também nas abreviaturas como exemplo Pv.20:1; Ap 22:16; Sl 79:13.

<sup>18</sup> METÁFORA - “Meu Pensamento é um rio subterrâneo – Fernando Pessoa- <http://www.soportugues.com.br/secoes/estil/estil2.php> -- Acesso em 13/10/2016.

profundidade, à inatingibilidade, etc.). Já em provérbios 18:4, “As palavras do homem são águas profundas, mas a fonte da sabedoria é um ribeiro que transborda”. Na primeira parte temos uma símile, ou seja, qualidade do que é semelhante e na segunda parte, “mas a fonte da sabedoria é um ribeiro que transborda”, temos uma metáfora como em Fernando Pessoa, pois há uma relação de semelhança entre a fonte da sabedoria e um ribeiro que transborda, como se fosse além do esperado, fora das margens. ([www.soportugues.com.br/secoes/estil/estil2.php](http://www.soportugues.com.br/secoes/estil/estil2.php) - acesso em 13/10/2016).

Encontramos a interpretação da realidade social em Provérbios 19:17, que hoje em dia faz parte do populário brasileiro: “Quem trata bem os pobres empresta ao Senhor e ele o recompensará”. Este provérbio interage com Pv.22: 9; 17:5; 28:27; Salmo 41:1, que também tratam da consideração para com os pobres. O mesmo é dito com respeito aos idosos começando pelos ascendentes, “Ouça o seu pai, que o gerou; não despreze sua mãe quando envelhecer” ( Pv.23:22).

O livro de Provérbios (12:10) fala-nos da consideração que devemos ter para com os animais: “O justo olha pela vida dos seus animais mas as misericórdias dos ímpios são cruéis”. Este verso identifica-se com a causa do “Núcleo de proteção aos animais”, e vem corroborar que a Bíblia é “matriz literária e cultural do ocidente”<sup>19</sup>, pois certamente maltratar os animais para nossa cultura é algo injusto e covarde. Nos dias de hoje, ninguém mais aceita ver tal comportamento. Um exemplo de crítica com relação aos maus tratos aos animais na cultura ocidental, além de todo o discurso “oficial” do Estado de proteção aos animais, é a notícia de quinta-feira (06/10/2016), quando o STF decidiu que a tradicional prática cultural nordestina intitulada de Vaquejada, em que um boi é solto em uma pista e dois vaqueiros montados a cavalo tentam derrubá-lo pela cauda, é inconstitucional porque fere princípios de preservação do meio ambiente. ([g1.globo.com/politica/noticia/2016/10/stf-decide-que-pratica-da-vaquejada-](http://g1.globo.com/politica/noticia/2016/10/stf-decide-que-pratica-da-vaquejada-) acesso em 15/11/2016). Este exemplo refere-se a animais que significam sustento. Mais é conhecido de todos que o discurso oficial que proíbe deixar animais domésticos atados e expostos ao sol e sem água, ou que se corte a ponta da orelha ou da cola destes animais por motivo de estética, na verdade isto é crueldade.

Provérbios 22:6 nos fala da instrução à criança com as seguintes palavras: “Instruí a criança no caminho em que deve andar, e mesmo com o passar dos anos não se desviará dele”. Há intertextualidade com a literatura grega quando lemos o que diz sobre o assunto a

---

<sup>19</sup> Expressão usada pela Dr.<sup>a</sup> Miriam D. Kelm - Bíblia como matriz literária e cultural do Ocidente- por ocasião do parecer ao TCC I deste aluno.



500 a. C o filósofo Pitágoras, “Educai as crianças e não será necessário punir os homens” e apresenta interação com a Constituição Federal de 1988, em seu artigo 227, que traz a importância da infância na sociedade, ao dar prioridade absoluta aos direitos da criança e do adolescente. (congressoemfoco.uol.com.br/ educai-as-criancas-e-nao-sera – acesso em 13/10/2016).

No capítulo 30 está a quarta parte do livro de Provérbios. Temos os ditados de Agur, onde encontramos os recursos linguísticos e literários da repetição, indagação e rima que segundo Proença Filho, já citado, é responsável pelo ritmo dos versos:

Quem subiu aos céus e desceu? Quem ajuntou nas mãos os ventos? Quem embrulhou as águas em sua capa? Quem fixou todos os limites da terra? Qual é o seu nome e o nome do seu filho? Conte-me, se você sabe!” ( Pv.30:4).

E encontramos o mesmo caso de repetição, rima e ritmo no verso dezenove (18 e 19) do mesmo capítulo:

“Há três coisas misteriosas demais para mim, quatro que não consigo entender: o caminho da serpente sobre a rocha, o caminho do navio em alto mar, e o caminho do homem com uma moça.

O livro de Provérbios traz como epílogo (31:10-31) um poema, que foi ditado ao rei Lemuel por sua mãe (Provérbios, 31:01). “Se é verdade que trata-se de outro nome de Salomão, então Bate-Seba foi a mãe que lhe ensinou este belo poema” (HALLEY, 1986, p. 247). Isto porque os pais de Salomão foram Davi e Bete-Seba.

Embora esteja longe do tema da igualdade de gênero, “É comum por toda a Bíblia dar às mulheres um papel relevante, ausente em muitas outras cultura e obras” (AGUIAR, posfácio à Frye, “Código dos Códigos”, 2004, p. 273). Nota-se que esse poema não trata de reis, mas de mãe, esposa e mulher de negócios, como se constata no versículo (16): “Ela avalia um campo e o compra; com o que ganha, planta uma vinha (...). Administra bem o seu comércio lucrativo, e sua lâmpada fica acesa durante a noite”. Esta última expressão “Sua lâmpada fica acesa durante a noite” pode ser entendido segundo a linguagem alegórica da Bíblia já que naquela época não existia luz elétrica, mas também metaforicamente se referindo ao seu relacionamento conjugal. E também Henry H. Halley (1986, p. 247) acrescenta que este poema trata-se de um Acróstico<sup>20</sup>, se considerada a composição poética

---

<sup>20</sup> Acróstico, s.m. Composição poética na qual o conjunto das letras iniciais (e as vezes as do meio ou do fim dos versos) forma um nome de pessoa ou coisa.(Dicionário Escolar da língua Portuguesa).

inicial em que está em destaque a mãe do rei. Pois o texto começa dizendo: “Ditados do rei Lemuel; uma exortação que sua mãe lhe fez” (PROVÉRBIOS, 31:1).

É importante precisar que os provérbios apresentam uma linguagem, como já dito, metafórica e, desta forma, além de seu intento que traz ensinamento, é um texto com características literárias, como podemos afirmar hoje, no século XXI, pois o conceito de literatura é mais amplo do que foi em séculos passados.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

No capítulo primeiro nos detivemos em pesquisar o aspecto histórico da Bíblia. Estudamos sobre os manuscritos, as traduções antigas e a crítica textual. Esta acontece quando os pesquisadores comparam letra por letra, avaliando a qualidade das cópias e traduções, por sinal milhares delas, já que nenhum original hoje em dia existe.

Ficamos comovidos quando pesquisamos sobre as perseguições para com a Bíblia e todos os que se dedicaram a traduzi-la para o vernáculo. Este subtítulo ficou extenso em comparação aos demais, motivado pela longa perseguição, transpassando o Mundo Antigo, Idade Média e chegando ao Mundo Moderno.

A pesquisa nos leva a uma reflexão sobre o tema da intolerância religiosa tão frequente no mundo contemporâneo, tema por sinal abordado no ENEM/2016, na tentativa de encontrar caminhos para sanar ou coibir a tentativa de hostilizar o diferente. Ou seja, estudar e divulgar as perseguições às traduções da Bíblia para o vernáculo nos comprovam que as lutas religiosas existem há séculos e como devemos estar atentos para não repetirmos.

Longe estamos de dar a última palavra sobre o assunto, ou outros que constantemente são abordados na Universidade, como a homofobia, a xenofobia a igualdade de gênero, preconceito racial, desrespeito ao idoso, abandono às crianças, maus tratos aos animais e etc.

No segundo capítulo deste trabalho ficou demonstrado que a Bíblia é considerada pelos críticos literários como literatura no sentido amplo e não apenas no sentido estrito conhecido como *belles lettres*, isto é, poesia, contos, romances, peças teatrais, ensaios; e que a Bíblia embora contenha este material, apresenta muitas outras peças o que fazem dela um mosaico, uma coletânea de textos escrita por autores e redatores que viveram em lugares reais. A maioria não se conheceu até porque a Bíblia foi escrita num período de mais de mil

anos o que a torna imprópria para ser tomada como obra histórica porque, para tanto, precisaria ter milhares de volumes e talvez milhões de páginas.

Outro aspecto da Bíblia (substantivo masculino “os livros”) diz respeito à intenção dos autores e redatores de levarem os leitores à obediência e à fé, e para isso considerarem verdadeiros todos os relatos sendo assim fiel a revelação sacerdotal e a “uma das mais antigas formas literárias do judaísmo: a narrativa histórica” (GABEL & WHEELER, 2003, p.21), tanto nos escritos do Antigo Testamento como nos escritos neotestamentários, os autores sempre demonstram objetivos de sustentar uma tese teológica ou destacar acontecimentos marcantes na vida de personagens do povo da aliança<sup>21</sup>.

Diferente de obras literárias, como, por exemplo, de Homero cujo objetivo foi de nos “encantar”, “agradar” não negando suas características de lenda até o fim sem a intenção de “dominar” (AUERBACH, 2004, p.11).

No mesmo capítulo, com Domicio Proença Filho, consideramos a linguagem literária que caracteriza as obras literárias em geral. E a prudência de autores como Marisa Lajolo em não definirem conclusivamente o que é literatura mas, quando o fazem, a definem apenas exemplificativamente, enfatizando que o conceito de literatura é histórico, dialoga com seu contexto.

Ainda neste capítulo apresentamos as citações de vários críticos literários com respeito às características literárias da Bíblia. Como Marilynne Robinson que atribui ao conceito da “intertextualidade” a razão de a Bíblia ser um best-seller permanente e o livro mais influente da literatura. E muito significativos são os argumentos de Northrop Frye como o de que: “nenhum livro poderia ter uma influência literária tão pertinaz sem possuir, ele próprio características de obra literária” (2004, p.14). E a sua importância para o meio acadêmico, e para todos em geral, seja por motivos pessoais céticos e sem compromisso com respeito à Bíblia ou adeptos da concepção religiosa, ou seja quais forem nossas crenças, “a Bíblia é o legado comum de todos nós e devemos ser capazes de estudá-la sem entrar em controvérsias religiosas” (GABEL & WHEELER, 2004, p. 18)

Um olhar para a Bíblia como se faz com qualquer obra literária não deve causar desconforto no sujeito religioso, embora no primeiro momento este considere estranha esta abordagem, como também desta forma poderá ser acolhida pelo meio acadêmico e a exemplo

---

<sup>21</sup> Povo da aliança – nos referimos aos hebreus com quem “Jeová” teria feito aliança no monte Sinai através de Moisés como mensageiro e mediador (Êxodo capítulo 19 a 24), depois de já ter feito aliança com Noé e Abraão (Gênesis capítulos 9 e 15).

da Faculdade Estadual de Ohio/EUA, ou das faculdades mencionadas por Northrop Frye na Inglaterra e Canadá, onde nos cursos de Letras há uma disciplina sobre “A Bíblia enquanto literatura” e deste ponto de vista aplicar à Bíblia o que se aplica a qualquer outra obra literária com “o objetivo de formar leitores para a vida, no sentido plural desta expressão: leitores para toda a vida e leitores que buscam nos textos literários conhecimento, sabedoria, prazer, crítica e por que não ? – consolação indispensável à vida” (DALVI; REZENDE; JOVER-FALEIROS, 2013, p.79).

Estudar a Bíblia como literatura amplia o nosso entendimento de vários textos clássicos que dialogam com suas referências históricas, de modelos de comportamento e de ensinamento moral.

É o texto formador por excelência do Ocidente e deve ser, lido, estudado e apropriado por todo leitor e, em especial pelos estudantes de Letras.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

**AUERBACH**, Erich. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. 5ªed. São Paulo, SP: Perspectiva, 2004.

**AGUIAR**, Flávio. *Ressonância da Bíblia na Literatura*. In FRYE, Northrop. *Código dos Códigos*, 2004 pp. 273 e 275.

\_\_\_\_\_. *Nota de rodapé*. In FRYE, *Código dos Códigos*, 2004, pp.11,12 e 16.

**BÍBLIA**. Nova Versão Internacional – NVI, 2000.

**BÍBLIA**. Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB, 2008.

**BÍBLIA**. Almeida Revista e Corrigida – ARC, 2009.

**CARVALHAL**, Tania Franco. *O próprio e o alheio*. Ensaios de literatura comparada. São Leopoldo RS: Editora Unisinos, 2003.

**DALVI**, Maria Amélia; **REZENDE**, Luiza de; **JOVER-FALEIROS**, Rita (orgs.) *Leitura de Literatura na Escola*. São Paulo, SP: Parábola, 2013.

**FREYE**, Northrop. *O Código dos Códigos: A Bíblia e a Literatura*. São Paulo: Boitempo, 2004.

- GAGNEBIN**, Jeanne Marie. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2006.
- GABEL**, J, B; **WHEELER**, Charles, B. *A Bíblia como literatura*, São Paulo, SP; Editora Layola, 2003.
- HALLEY**, Henry H. *Manual Bíblico, Um Comentário Abreviado da Bíblia*; traduzido por David A. de Mendonça. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1986.
- LAJOLO**, Marisa. *Literatura: Leitores & Leituras*. São Paulo: Ed. Moderna, 2001.
- McDOWELL**, Josh. *Mais que um carpinteiro*. Tradução de Myriam Talitha Lima. 2ª edição, editora Betânia. Belo Horizonte, MG, 1980.
- OLIVEIRA**, Nythamar de. *O livro mais lido e influente no mundo*, Correio do Povo, Caderno de Sábado. Porto Alegre: 26/12/2015.
- PROENÇA FILHO**, Domicio. *A linguagem literária*. 8ª ed. São Paulo: Ática, 2007.
- REIS**, Carlos; **LOPES**, Ana Cristina M. *Dicionário de Teoria Narrativa*. São Paulo, Ática S.A. 1988.
- ZIZEK**, Slavoj. *De Che Vuoi? À fantasia: Lacan de olhos bem fechados*. Apud:\_\_\_\_\_. Como ler Lacan. Rio de Janeiro: Zahar, 2010,

## REFERÊNCIAS VIRTUAIS

- ANDRADE**, Altamir **apud** **ALTER**, Robert. A arte da narrativa bíblica, São Paulo, SP: Companhia das letras, 2007. Disponível em: [http://www.abiblia.org/ver.php?id=1278&id\\_autor=64&id\\_utente=&caso=artigos](http://www.abiblia.org/ver.php?id=1278&id_autor=64&id_utente=&caso=artigos) - acesso em 05/11/2016.
- CLOUD**, David. *As perseguições do catolicismo contra a bíblia*. [http://www.discernimentobiblico.net/As\\_pergui%E7%F5es\\_do\\_catolicismo\\_contra\\_a\\_b%EDbliia.html](http://www.discernimentobiblico.net/As_pergui%E7%F5es_do_catolicismo_contra_a_b%EDbliia.html) - acesso em 24/09/2016 – 12/10/2016
- JUDEUS MESSIÂNICOS**. Disponível em: [www.google.com.br/search?q=judeus+messianico](http://www.google.com.br/search?q=judeus+messianico) - acesso em 17/09/2016 – 12/10/2016.
- LIMA**, Anderson de Oliveira. *Teologia e Literatura – Introdução a uma Nova Teologia Bíblica*. Disponível em: [www.revistatheos.com.br/Artigos/Anderson](http://www.revistatheos.com.br/Artigos/Anderson) - acesso em 30/05/2016 – 12/10/2016.

**MILTON,** John. (1608-1674) Londres. Disponível em:  
[https://pt.wikipedia.org/wiki/John\\_Milton](https://pt.wikipedia.org/wiki/John_Milton) - acesso em 06/09/2016 – 12/10/2016.

**O TALMUD.** *Consiste de tratados de assuntos legais, éticos e históricos, escritos pelos antigos rabinos,* 499 d.C. Disponível em:  
<http://tryte.com.br/colecaojudaismo/livro1/11cap24.php> - acesso em 13/10/2016.

**PESSOA,** Fernando. *Meu pensamento é um rio subterrâneo.* Exemplo de metáfora. Disponível em: <http://www.soportugues.com.br/secoes/estil/estil2.php> – acesso em 13/10/2016.

**ROBINSON,** Marilynne. *A Bíblia é o livro mais influente da literatura.* Disponível em:<https://noticias.gospelprime.com.br/a-biblia-e-o-livro-mais-influente-da-literatura-afirma-escritora-premiada/> - acesso em 31/05/2016 – 12/10/2016.

**SANTANA,** Ana Lúcia. *A Intertextualidade.* Disponível em:  
<http://www.infoescola.com/redacao/tipos-de-intertextualidade/> - acesso em 22/10/2016.

**SENTIDO,** *Conotativo e Denotativo.* Disponível em:  
<http://www.soportugues.com.br/secoes/estil/estil1.php> –acesso em 16/01/2017.

**VAQUEJADA,** STF decide proibir, Disponível em:  
<http://g1.globo.com/politica/noticia/2016/10/stf-decide-que-pratica-da-vaquejada-contraria-constituicao.html> - acesso em 17/11/2016.